Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

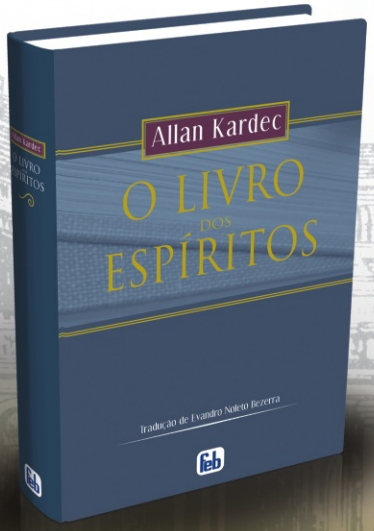
DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 130 • Nº 2.197 • Abril 2012

Kardec e O LIVRO DOS ESPÍRITOS

*"Este livro [...] foi escrito por ordem e mediante ditado de **Espíritos superiores**, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia **racional**, isenta dos **preconceitos** do espírito de sistema."*

– Allan Kardec



ISSN 1413 - 1749

9 771413 174008

R$ 7,00

Veja nesta Edição:

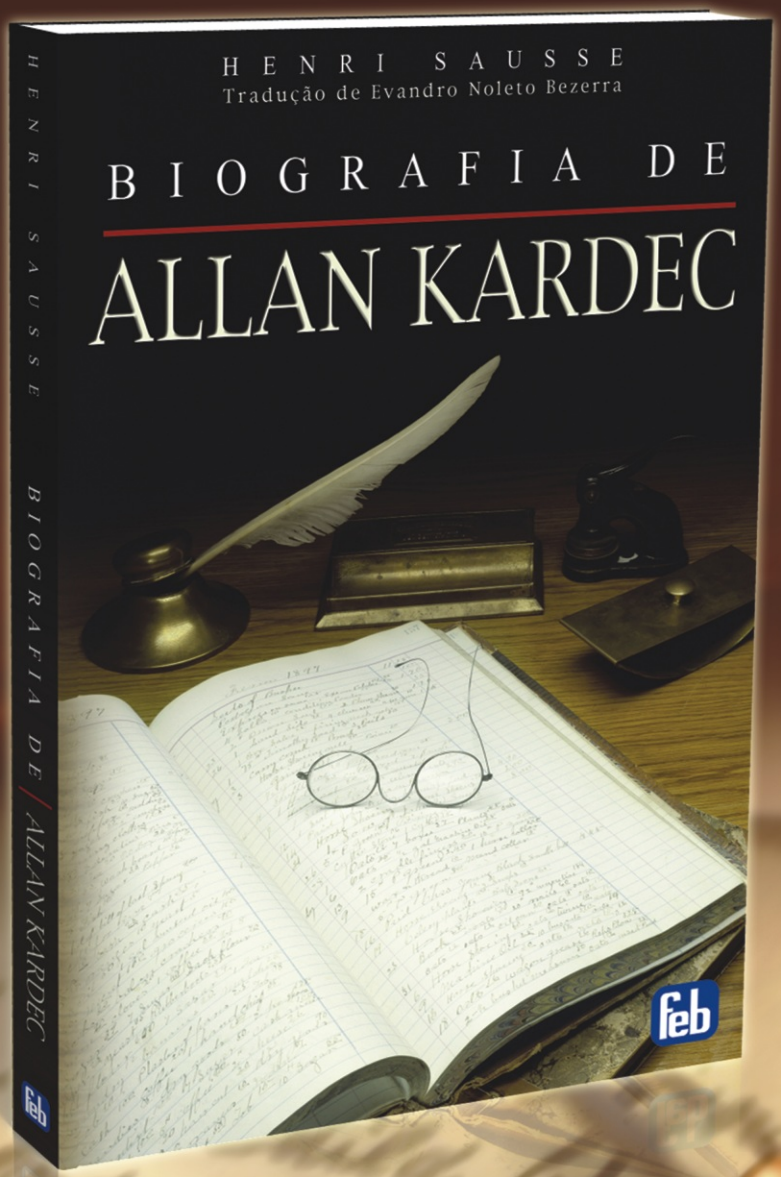
O papel do jurista espírita

Acréscimo de misericórdia

A Era da Transição segundo o Espiritismo

35 ANOS 1977-2012 CAMPANHA PERMANENTE DE EVANGELIZAÇÃO ESPÍRITA INFANTO-JUVENIL "Não, ainda não acreditais, crentes." João. (Marcos, 9:22.)

Rememorando Kardec, conheça a vida e a obra do Codificador do Espiritismo!



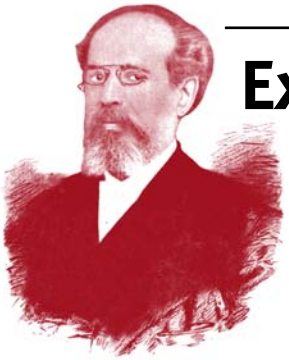
A mais abrangente biografia do primeiro e maior pensador e escritor espírita, destacando principalmente as lutas e os desafios enfrentados para que o Consolador Prometido por Jesus se materializasse definitivamente na Terra.

Central de Relacionamento
(21) 2187-8268/8272
relacionamento@febrasil.org.br

feb editora

Livraria Virtual
www.feblivraria.com.br
feblivraria@febnet.org.br

Livros que esclarecem, educam e libertam



Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 130 / Abril, 2012 / Nº 2.197

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
Diretor: Nestor João Masotti
Editor: Affonso Borges Gallego Soares
Redatores: Altivo Ferreira, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto, Bezerra, Geraldo Campetti Sobrinho e Marta Antunes de Oliveira de Moura

Secretário: Paulo de Tarso dos Reis Lyra
Gerente: Sady Guilherme Schmidt
Equipe de Diagramação: Agadyr Torres Pereira e Saraí Ayres Torres
Equipe de Revisão: Wagna Carvalho e Isaura da Silva Kaufman
Projeto gráfico da revista: Julio Moreira
Capa: Agadyr Torres Pereira

REFORMADOR: Registro de publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça)
CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:
SGAN 603 – Conjunto F – L2 Norte
70830-030 • Brasília (DF)
Tel.: (61) 2101-6150
FAX: (61) 3322-0523
Home page: http://www.febnet.org.br
E-mail: feb@febnet.org.br

Departamento Editorial e Gráfico:
Rua Sousa Valente, 17 • 20941-040
Rio de Janeiro (RJ) • Brasil
Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298
E-mails: redacao.reformador@febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

PARA O BRASIL
Assinatura anual **R$ 52,00**
Assinatura digital anual **R$ 24,00**
Número avulso **R$ 7,00**

PARA O EXTERIOR
Assinatura anual **US$ 50,00**

Assinatura de Reformador:
Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274
www.feblivraria.com.br
assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Sumário

4 Editorial
Kardec e a Doutrina Espírita

11 Entrevista: Geraldo Campetti
Livros raros da FEB

21 Esflorando o Evangelho
Nem todos – *Emmanuel*

30 Evangelização Espírita Infantojuvenil
A Campanha da Evangelização Espírita Infantojuvenil na Opinião dos Espíritos

36 A FEB e o Esperanto
100 anos de Cursos de Esperanto na FEB – Convite para o evento comemorativo em maio – *Affonso Soares*

42 Seara Espírita

5 O papel do jurista espírita – *Christiano Torchi*
8 Acréscimo de misericórdia – *Clara Lila Gonzalez de Araújo*
14 Representante dos patrões – *Richard Simonetti*
16 Conduta e enfermidade – *Mauro Paiva Fonseca*
17 Onde estiveres – *Auta de Souza*
18 *O Livro dos Espíritos* – 155 anos (Capa) – *Jorge Leite de Oliveira*
22 A recompensa da virtude – *Ademir Xavier*
25 Em dia com o Espiritismo – A Era de Transição segundo o Espiritismo – *Marta Antunes Moura*
28 Arbítrio dos Espíritos – *Licurgo Soares de Lacerda Filho*
29 Rimas fraternas – *Cármen Cinira*
32 O provisório esquecimento do passado – *Rogério Miguez*
35 Reunião das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional
38 70 anos de *Paulo e Estêvão* e os trabalhadores espíritas
39 Compromissos renovados – *Honório Onofre de Abreu*
40 O eficiente remédio do sofrimento – *Rogério Coelho*

Editorial

Kardec e a Doutrina Espírita

De uma forma geral, todos os estudiosos da Doutrina Espírita têm o natural interesse em saber como foi elaborada. Conhecemos, também, a importância de Allan Kardec nessa elaboração e é ele mesmo que vem esclarecer sobre este assunto em *Prolegômenos*, página que antecede à Primeira Parte de *O Livro dos Espíritos*, (Ed. FEB), quando observa:

> Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.
>
> Este livro é o repositório de seus ensinos. Foi escrito por ordem e mediante ditado dos Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar.

Mais adiante, ainda em *Prolegômenos*, Kardec também esclarece:

> Eis em que termos [os Espíritos] nos deram, por escrito e por muitos médiuns, a missão de escrever este livro: "Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Mas, antes de o divulgares, revê-lo-emos juntos, a fim de lhe verificarmos todas as minúcias.
>
> Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudarmos nos teus trabalhos, porquanto esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que já um de nós te revelou. [...]"

Estas informações de Kardec, não apenas esclarecem o processo pelo qual a Doutrina Espírita foi criada, mas demonstra, também, a grandiosidade espiritual do seu Codificador que, em nenhum momento, se deixou levar por qualquer laivo de personalismo, tampouco vergou-se às tentações de evidência pessoal. Ciente e consciente da responsabilidade que trazia consigo, realizou sua tarefa com plena exatidão, cumprindo, fielmente, as orientações dos Espíritos superiores, que têm à frente o Espírito de Verdade.

Com isso, vivenciando o princípio do Evangelho que nos lembra da necessidade de nos negarmos a nós mesmos, deixou-nos o Consolador Prometido por Jesus, bem como um sólido exemplo de procedimento que deve inspirar todos os espíritas interessados em colocar os ensinos da Doutrina Espírita ao alcance e a serviço de todos, em toda parte.

O papel do jurista espírita

Christiano Torchi

Qual seria o papel do jurista espírita? A resposta a essa questão exige, necessária e previamente, uma reflexão, ainda que ligeira, sobre a justiça.

A justiça, no seu sentido amplo, constitui um dos aspectos mais delicados da vida, pois a todo momento estamos tomando decisões que interferem direta ou indiretamente nos destinos dos nossos semelhantes.

O que é ser justo? Que critérios devemos adotar para atingir a verdadeira justiça, seja num simples diálogo, no trabalho, nos negócios, na família, na religião, nas relações forenses institucionais, enfim, nas relações sociais em geral?

O advento da justiça como instituição é produto da evolução do homem. Veio para substituir o desforço, a vingança, para que não prevaleça a vontade do mais forte pelo exercício arbitrário das próprias razões.

A despeito do progresso alcançado pelas instituições, a deflagração do processo judicial, do ponto de vista psicológico, continua assemelhando-se a uma declaração de guerra, em que se estabelece o confronto entre as partes, no qual se utiliza como armas o complexo aparato jurídico do Estado, e, tal como acontece no combate bélico, sabe-se como começa, mas não se sabe como nem quando termina.

Será muito difícil, senão impossível, atender à demanda de processos que aumenta assustadoramente, enquanto prevalecer a cultura da competição litigiosa ou adversarial predominante, que impera, até mesmo, entre os próprios jurisdicionados.

O fato é que, com a multiplicidade dos problemas gerados pela vida moderna, que afetam continuamente as relações interpessoais, sentiu-se a necessidade de se aprimorar o modelo atual de justiça, que já não mais atende às demandas sociais dos tempos coevos.

A justiça, na definição herdada dos povos antigos, de cunho pragmático, é a constante e firme vontade de dar a cada um o que é seu. A nosso ver, a acepção dada pelos Espíritos é mais abrangente e precisa: "A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um",[1] para que cada um receba de acordo com seu merecimento.

Portanto, logo se percebe que a base da justiça autêntica não está nas leis falíveis e transitórias dos homens, embora estas sejam vitais para atender às necessidades evolutivas da sociedade em determinado momento.

Existe todo um arcabouço de princípios, que repousa sobre a Lei Natural, alicerce de todo o edifício moral, que é a lei de Deus, a única verdadeira para a felicidade do homem, que lhe indica "o que deve fazer ou não fazer",

[1] KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Q. 875.

a qual mostra que "ele só é infeliz porque dela se afasta".[2] Instados por Kardec a dizerem onde estaria escrita a Lei de Deus, os Espíritos responderam: "Na consciência".[3]

Em vista disso, o sentimento de justiça é inato no homem, que se revolta com a simples ideia de uma injustiça. Esse sentimento, porém, necessita de ser aprimorado e desenvolvido pelo progresso moral, que se dá pelo estudo das leis divinas e pela prática do bem, para que o sentimento de justiça natural não se misture às paixões que induzem os homens ao erro.

A justiça humana constitui pálido reflexo da Justiça Divina, porque, ao contrário desta, seus postulados são mutáveis e nem sempre estão em harmonia com as leis naturais, refletindo costumes e caracteres da sociedade de uma determinada época, em que os detentores do poder quase sempre legislam em causa própria.

Jesus legou-nos a base da justiça real, consagrada na imorredoura lição: "Desejai para os outros o que quereríeis para vós mesmos".[4] Ensinou-nos que Deus imprimiu no coração do homem essa regra áurea, fazendo com que cada um deseje ver respeitados os seus direitos. É que, em condições normais, ninguém desejaria o próprio mal. De fato, trata-se de um princípio universal. Se fosse compreendido e observado fielmente, bastaria às constituições dos povos adotá-lo como único artigo, o que já seria suficiente para arrebatar todos os códigos humanos perecíveis.

Felizmente, nos últimos tempos, algumas ações vêm sendo tomadas pelas autoridades constituídas, com vistas a superar o anacronismo da justiça humana. Há, por exemplo, iniciativas legais e paralegais que

[2]Idem, ibidem. Q. 614.

[3]Idem, ibidem. Q. 621.

[4]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Q. 876.

incentivam a conciliação, a arbitragem, a negociação, a mediação e a justiça restaurativa, estas duas últimas consideradas por alguns especialistas como a justiça do futuro.

Busca-se, com essas medidas, mitigar a presença do Estado nos litígios, auxiliando os contendores a encontrarem por si mesmos a solução dos conflitos, porque se firma cada vez mais o entendimento de que os cidadãos são, em última instância, os responsáveis pela construção do próprio destino.

Entregando parcela desse poder ao próprio cidadão, ele "recupera sua independência e o controle de sua vida pessoal, social e produtiva, num convívio mais racional, adulto e pacífico, trazendo a necessária liberdade e paz social que todos [desejamos]".[5]

Sem uma reestruturação ampla nas instituições, em todos os âmbitos, que também passa pela transformação moral do ser humano, continuaremos combatendo os efeitos e não as causas desses e de outros problemas.

Essa reestruturação, mais do que a modificação das leis, exige um trabalho de conscientização e educação da sociedade, no afã de obter a adesão de todos os operadores do Direito e dos próprios jurisdicionados, que devem ser estimulados a abandonar a crença ingênua de que o Estado é capaz de resolver todos os seus problemas.

Nossa época não mais admite a mística do jurista sob a máscara do Direito que, por exemplo, reclama da morosidade da Justiça quando patrocina os direitos do autor, mas se prevalece do aparato legislativo para protelar o andamento das causas, quando patrocina os direitos do réu, congestionando os tribunais, com desprestígio para o sistema judiciário.

O papel do jurista espírita não difere do exercido pelos demais juristas não espíritas (religiosos ou não), isto é, ser o mediador do Direito, com um diferencial: colocar seus conhecimentos jurídicos a serviço da sociedade, na prevenção, na conciliação e na solução de conflitos, conhecimentos esses iluminados pelos princípios da Doutrina Espírita, com destaque para *O Evangelho segundo o Espiritismo* aplicado a si mesmo, em primeiro lugar.

A moral, como se sabe, é a conduta submetida a valores éticos que dizem respeito ao *dever*, cumprido sem coação. O jurista espírita será respeitado não pelos conhecimentos jurídicos que acumule, mas sim pelo bom uso que fizer deles, sem intuitos proselitistas e pruridos reformistas.

Proféticas são as palavras de que "o homem do futuro não terá *direitos*, mas sim *deveres*, porque bastará o cumprimento recíproco desses deveres, para assegurar a convivência pacífica e harmoniosa da coletividade".[6]

Para agirmos de acordo com a lei de Deus, sejamos ou não juristas espíritas, a solução é a prática do amor ao próximo, isto é, da benevolência para com todos, da indulgência (ou seja, da compreensão) para as imperfeições dos outros (o que não significa cumplicidade com o erro), do perdão às ofensas, enfim, da prática da caridade como a entendia Jesus,[7] o que nos abre a oportunidade de compreender, com maior amplitude, os sofrimentos e os problemas humanos, permitindo equacioná-los sob outros paradigmas que não apenas o econômico.

Essa não é uma tarefa fácil nem simples, todos sabemos. Mas é preciso dar o primeiro passo, é preciso começar.

O jurista espírita não deve se contentar em ser apenas mediador do Direito, deve imbuir-se do desejo sincero de vivenciar os princípios espíritas no exercício da profissão, colocando seus conhecimentos jurídicos a serviço da sociedade, na prevenção, na conciliação e na solução de conflitos, numa expressão, na busca da pacificação social.

Quando reinar a justiça verdadeira em nossos corações, não haverá mais necessidade de tribunais na Terra, porque aí seremos juízes de nós mesmos, e então haverá justiça para todos. ■

---

[5]VEZZULLA, Juan Carlos. *Teoria e prática da mediação*. 2. ed. Curitiba: Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil, 1998. p. 16.

[6]SILVA, Manoel Emygdio da. *Síntese monista*: uma ideia nasce. Brasília: Legenda, 1973. p. 87.

[7]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Q. 886.

Acréscimo de misericórdia

"Procurai primeiramente o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo." (Mateus, 6:33; Lucas, 12:31.)

Clara Lila Gonzalez de Araújo

É possível aquilatar a extensão das bênçãos que dimanam da misericórdia de Deus?

Sabemos avaliar a amplitude das oportunidades que nos chegam, exercitando o amor ao próximo e incumbindo-nos de aplicar hoje o tempo, a energia e os esforços que desperdiçamos outrora?

De acordo com o versículo acima, os resultados surgidos das conquistas de valores espirituais nos permitem receber, por acréscimo da generosidade divina, múltiplos ensejos de bem realizarmos iluminadas atividades, que procuramos vivenciar em meio a júbilos de esperança e paz. Essas manifestações, em forma de pensamentos, de conversações, de hábitos, de conduta, mercê da aquisição de ideais superiores, são propósitos que se exprimem em atos de caridade legítima, levando-nos a sentir a presença de Deus em nós e descobrindo o seu verdadeiro Reino.

Entretanto, tornar-se espírita não é santificar-se de um momento para o outro, além de não significar privilégio, dadas as condições da justiça superior, que se manifesta em nós como consequência da lei de causa e efeito, mesmo considerando as lutas difíceis que travamos durante anos de dedicação e serviço em favor do Espiritismo.

Constantino, Espírito protetor, na mensagem inserida em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, afirma, terminante:

> Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminarei ao anoitecer. Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grilhões arrastais; mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha, sem que quisésseis penetrar nela! Eis-vos no momento de embolsar o salário; empregai bem a hora que vos resta e não esqueçais nunca que a vossa existência, por longa que vos pareça, mais não é do que um instante fugitivo na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade.[1]

Urge, desse modo, perseverar no trabalho a fazer, tendo a necessária paciência, sobretudo, ao enfrentar os rudes resgates que porventura surjam frente às surpresas da marcha existencial, sem nos entregarmos ao desânimo. Determinados companheiros espíritas não aceitaram essa realidade, deixando de alcançar planos mais elevados no cumprimento de suas tarefas e abandonando a esfera de lutas enobrecedoras. Sentiram-se inconformados, em meio às provações, por não terem seus desgostos diminuídos, sem aproveitar da aplicação dos ensinamentos doutrinários para melhor compreender a equidade divina, esquecendo-se de que, ao sofrermos os

prejuízos de nossos erros, "por infinita misericórdia, devemos ter que Deus não é inexorável, deixando sempre viável o caminho da redenção".[2] Allan Kardec faz excelente análise sobre as implicações das penas futuras segundo o Espiritismo, advertindo:

> [...] todos têm o mesmo ponto de partida e nenhum se distingue em sua formação por melhor aquinhoado; nenhum cuja marcha progressiva se facilite por exceção: os que chegam ao fim, têm passado, como quaisquer outros, pelas fases de inferioridade e respectivas provas. [...]
> Todos somos livres no trabalho do próprio progresso [...]. O romeiro que se desgarra, ou em caminho perde tempo, retarda a marcha e não pode queixar-se senão de si mesmo.[3]
>
> [...]
> Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade.
> A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra: – tal é a lei da Justiça Divina.[4]

A disposição sincera de servir ao semelhante, que empreendemos na labuta junto à seara de Jesus, procurando evoluir de forma perseverante, nos faz superar os padecimentos como meio de sanar os erros morais que cometemos em existências pregressas. Assim agindo, angariamos a simpatia dos Espíritos superiores que nos concedem amparo para concretização das inúmeras possibilidades que a prática do Espiritismo oferece, fortalecendo-nos e iluminando-nos para o futuro, devidamente elucidados pelo conhecimento espírita. Deus, pois, não cria seres privilegiados, mas *"fez da felicidade o prêmio do trabalho e não do favoritismo*, para que cada um tivesse seu mérito".[5]

O Espírito Emmanuel faz referência às circunstâncias em que desencarnaram muitos dos grandes vultos da Humanidade, após a vivência de desmedidas agruras, como pessoas que foram: exiladas, trucidadas, ludibriadas, famintas, enfermas, perseguidas, endividadas, paupérrimas, indigentes, guilhotinadas, em penúria extrema, assassinadas etc., além das que viveram menos penosamente, mas não deixaram de enfrentar duras provas. Trata-se de um alerta para os infortúnios e reveses terrenos que parecem absurdos de serem experimentados por criaturas reconhecidamente valiosas e que contribuíram para o progresso

do mundo. Nesse sentido, conclui o eminente mentor espiritual:

> [...] é forçoso reconhecer que passaram, entre os homens, também sofrendo e lutando, junto à bigorna do trabalho constante.
> Cada consciência é filha das próprias obras.
> Cada conquista é serviço de cada um.
> Deus não tem prerrogativas ou exceções.
> Toda glória tem preço.
> É a lei do mérito de que ninguém escapa.[6]

Certamente, a advertência do generoso Emmanuel é para avivar, principalmente, a vigilância dos espíritas que, ao se defrontarem com os infindáveis problemas a vencer, sobretudo na hora crucial do testemunho, se não tiverem aproveitado os conhecimentos doutrinários apreendidos, sabendo empregá-los em todos os momentos terrenos para fortalecimento do Espírito, de nada valerão os esforços que desenvolverem em benefício da Doutrina, por falta de méritos conquistados no caminho da legítima redenção de si mesmos. O Espiritismo convida-nos a seguir no rumo certo ao destacar que as verdadeiras ideias a serem cultivadas pelos homens, devem estar em completa sintonia com os princípios lidimamente cristãos.

Em visita à "Mansão Paz", escola espiritual luminosa, que permanece sob a jurisdição de "Nosso Lar", os Espíritos Hilário e André Luiz são esclarecidos por seu diretor Druso sobre o atendimento aos Espíritos que ali aportam, necessitados e infelizes, mas decididos a trabalhar pela própria regeneração, conseguindo compreender a "importância da existência carnal, como sendo verdadeiro favor da Divina Misericórdia"[7] e do esforço a ser despendido para se adaptarem aos mecanismos da imprescindível Justiça. Druso, no entanto, reforça o valor da súplica, para que, ao encarnarem, não percam o ensejo de melhoria espiritual:

> – A prece, no sentido a que aludimos, é sempre um atestado de boa vontade e compreensão, no testemunho da nossa condição de Espíritos devedores... Sem dúvida, não poderá modificar o curso das leis, diante das quais nos fazemos réus sujeitos a penas múltiplas, mas renova-nos o modo de ser, valendo não só como abençoada plantação de solidariedade em nosso benefício, mas também como vacina contra a reincidência no mal. [...] a prece faculta-nos a aproximação com os grandes benfeitores que nos presidem os passos, auxiliando-nos a organização de novo roteiro para a caminhada segura.[8]

A melhor forma de orar é a que se traduz em trabalho, integrando-nos aos planos da Providência.

O espírita consciente não é simples detentor de conhecimentos doutrinários, apenas pelo puro prazer intelectual. Sabe que problemas advirão, de acordo com a responsabilidade de agir dignamente diante das leis divinas; topará com o "orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, os quais, levados às suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições".[9] Essas lutas, no entanto, são de ordem moral e haverão de ser vencidas, passo a passo, por *acréscimo de misericórdia* do Pai Amantíssimo e de Jesus, Excelso Condutor de nossas almas, cuja aplicação de seus ensinamentos permite construir o Reino de Deus em nós. ■

Referências:

[1]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 130. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Cap. 20, it. 2.

[2]_____. *O céu e o inferno*. Trad. Guillon Ribeiro. 2. ed. esp. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. P. 1, cap. 7, it. Código penal da vida futura, subit. 29.

[3]_____. _____. Subit. 32.

[4]_____. _____. Subit. 33.

[5]_____. _____. Subit. 32.

[6]XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Lei do Mérito, p. 121-123.

[7]_____. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 2. ed. esp. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. Ante o Centenário.

[8]_____. _____. Cap. 19, p. 280.

[9]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 130. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Cap. 23, it. 17.

Livros raros da FEB

Geraldo Campetti Sobrinho, diretor da FEB e responsável pela Biblioteca de Obras Raras da Instituição, comenta sobre o importante acervo da mesma

Reformador: *Como surgiu a Biblioteca de Obras Raras da FEB?*

Campetti: É admirável que desde a fundação da FEB, em 1884, os dirigentes pioneiros já se preocupavam com a questão de biblioteca e arquivo, importantes centros de memória e de difusão doutrinária. Em seus documentos legais, desde a primeira gestão da Federação Espírita Brasileira, constavam referências a essas atividades. Na primeira diretoria, Francisco Antônio Xavier Pinheiro foi designado arquivista. Na diretoria de 1911, quando da fundação da sede na Av. Passos, no Rio, constavam diretor e administrador da livraria, além de bibliotecário. Na inauguração do prédio histórico naquele ano, foram instaladas uma livraria e uma biblioteca, esta com 1.235 volumes! O acervo da Biblioteca de Obras Raras (BOR) foi constituído no decorrer do tempo, sobretudo por doações de pessoas conscientes da necessidade de preservação da memória histórica do Espiritismo no Brasil e no Mundo. Algumas obras foram adquiridas por gestores e colaboradores da Casa, cuja visão de futuro colaborou para a formação do acervo. Até hoje, a FEB recebe doações e adquire obras valiosas para o acervo. Estimulamos àqueles que têm obras raras que não as guardem pessoalmente, mas que as doem a instituições que tenham condições de preservá-las. Colocamo-nos à disposição para avaliar e receber esse material com vistas ao constante enriquecimento do patrimônio espiritual gerenciado pela FEB. O acervo da Biblioteca está disponível para acesso das gerações presente e futura.

Reformador: *No que consiste seu acervo?*

Campetti: Em aproximadamente 20 mil itens documentários, entre livros e folhetos, mais de uma centena de coleções de periódicos, em documentos históricos que formam o arquivo permanente da Instituição. São obras espíritas, espiritualistas, históricas, em idiomas diversos, tais como português, francês, inglês, espanhol, italiano, alemão, japonês, esperanto, árabe, dentre outros. Obras em braile e originais manuscritos também integram a coleção. Para conhecer mais sobre o assunto, acesse o item Pesquisas – Biblioteca de Obras Raras no portal <www.febnet.org.br>.

Página da Biblioteca de Obras Raras no portal da FEB

Reformador: *Há também documentos e fontes raras?*

Campetti: Acreditamos que alguns documentos e informações disponíveis na Biblioteca de Obras Raras, só existem nesse acervo de precioso valor espiritual. Nele, temos a coleção completa do porta-voz oficial da Federação, *Reformador*, desde o primeiro número de janeiro de 1883, um ano antes da fundação da própria Casa de Ismael, até os fascículos mais recentes, as primeiras edições de todos os títulos publicados pela FEB Editora e os clássicos da literatura espírita. Há obras do período pré-espirítico, antes mesmo do surgimento do Espiritismo, codificado por Kardec e vindo a lume como Doutrina a partir de 1857, com a publicação do livro espírita mais completo existente em todo o mundo, *O Livro dos Espíritos*. É o caso de uma obra de 1792, época da Revolução Francesa, publicada portanto 12 anos antes do nascimento de Kardec, já com o instigante título: *Retrato da morte com hum diálogo entre hum morto e um vivo* (2. ed. Lisboa).[1]

Reformador: *Há exemplares de primeiras edições de Kardec?*

Campetti: Temos as primeiras edições originais francesas de todas as obras de Allan Kardec e, também, a edição definitiva de cada uma delas.

Reformador: *Os estudiosos podem ter acesso ao acervo?*

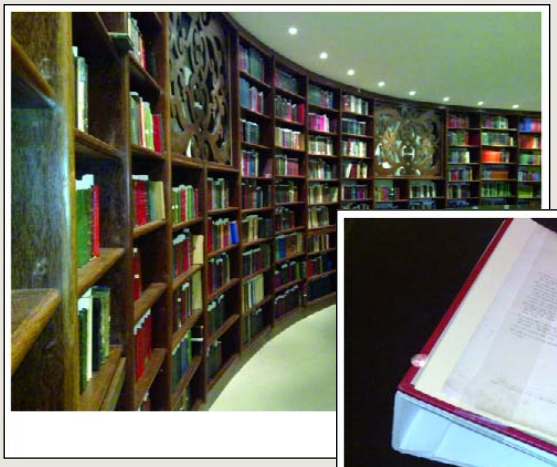
Campetti: Podem. O acesso se dá presencialmente, mediante agendamento, ou por contato telefônico, por correio, ou meio eletrônico, via Internet. Nosso propósito é facilitar cada vez mais o acesso ao acervo febiano, oferecendo um trabalho organizado, que agilize o atendimento às necessidades dos consulentes, sejam pesquisadores, estudiosos, curiosos, interessados de um modo geral. Qualquer pessoa ou grupo pode visitar a BOR em Brasília, de segunda a sexta-feira,

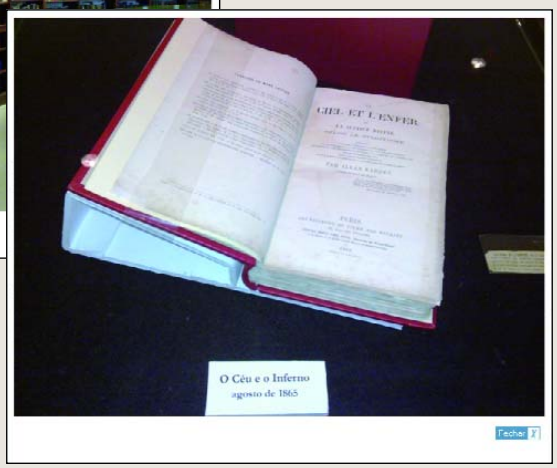
[1] Veja mais curiosidades do acervo no artigo Biblioteca de Obras Raras: memória presente. *In*: *Reformador*, ano 110, n. 1.961, ago. 1992, p. 25(245).

das 8h às 17h30. Aos sábados, até às 12h, e outros horários agendados. Os contatos podem ser realizados pelo número (61) 2101-6170 ou pelo endereço eletrônico <obrasraras@febnet.org.br>.

Reformador: *Há projeto de digitalização das obras e consultas pela Internet?*

Campetti: A Biblioteca é um organismo em crescimento, vivo, dinâmico, já dizia o bibliotecário indiano Ranganathan, no princípio do século XX, ao definir as cinco leis da Biblioteconomia. (As outras quatro são: os livros são para serem usados; todo leitor tem seu livro; todo livro tem seu leitor; poupe o tempo do leitor.) Nesse sentido, há sempre algum projeto em andamento, resultado de trabalho em equipe, para facilitar o acesso ao acervo. Entre 1990 e 2000, desenvolvemos o projeto Série Bibliográfica, que resultou nas publicações das obras de referência *O Livro Espírita na FEB*, *O Espiritismo de A a Z* e o *Guia de Fontes Espíritas*. O primeiro é um catálogo geral das obras da FEB, o segundo, um glossário, e o terceiro constitui-se em um índice. A partir de 2001, iniciamos o *Projeto Reformador*, com o objetivo de catalogar, indexar e disponibilizar o conteúdo das matérias publicadas em *Reformador*. O projeto prossegue e já contempla mais de 50 mil matérias referenciadas e cinco décadas de inteiro teor digitalizado para acesso dos internautas. A cada semana, dois anos de coleção são atualizados na base de dados. Estamos fazendo o serviço em ordem decrescente, do mais recente ao mais antigo. A meta é concluir as atividades de indexação até o final deste ano. O próximo passo é estruturar uma biblioteca digital, por meio da disponibilização do conteúdo integral das obras do acervo. Iniciamos esse trabalho com a digitalização das capas e folhas de rostos das obras.





Acima: vista lateral esq. da Biblioteca de Obras Raras da FEB; ao lado, exposição do livro *O Céu e o Inferno*, edição de 1865

Reformador: *Teria alguma recomendação aos dirigentes e leitores espíritas para a preservação de obras raras?*

Campetti: Os dirigentes espíritas têm a responsabilidade de criar condições nas casas que administram para a preservação da memória espírita, promovendo a conservação de seus documentos históricos: arquivo, biblioteca, museu são importantes centros de memória para resgate, preservação e disponibilização de informações espíritas. Caso não seja possível a criação de espaço adequado para tal função, deve-se doar o material para instituição com recursos suficientes para esse tipo de trabalho. Não é recomendável que o espírita guarde pessoalmente documento de conteúdo espírita histórico, pois este não lhe pertence. Temos informações de espíritas desencarnados que se arrependeram de "ter ficado" com documentos que poderiam ter doado a instituições aptas a preservá-los e disponibilizá-los aos interessados. O documento bem cuidado tecnicamente é fonte de informação e de preservação da memória espírita para o presente e para a geração nova, na construção de um futuro que almejamos seja mais feliz para todos nós. ■

Representante dos patrões

RICHARD SIMONETTI

Um amigo perguntou:

– Os Espíritos que orientavam Kardec, ao escrever *O Livro dos Espíritos*, eram, porventura, representantes do sindicato dos patrões?

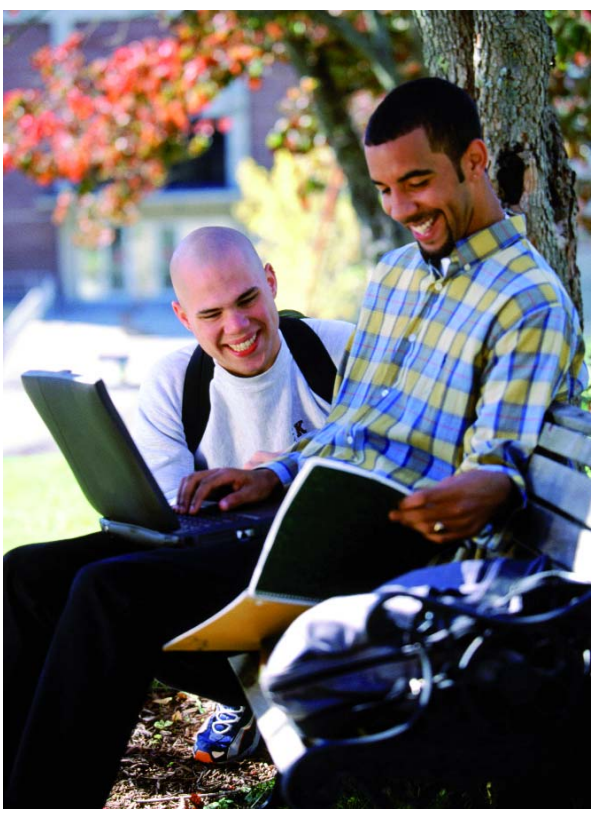
– Não estou entendendo…

– É o que imagino ao ler a questão 683, de *O Livro dos Espíritos*. Pergunta Kardec: *Qual o limite do trabalho?* Responde o mentor: "O das forças. [...] a esse respeito Deus deixa inteiramente livre o homem".[1] Isso é regime de escravidão. Trabalhar até o limite das forças!

A indignação de meu amigo resulta de uma interpretação equivocada dessa questão.

Quando o mentor diz que o limite do trabalho é o das forças, não se reporta à atividade profissional especificamente, mas às nossas atividades de um modo geral, no dia a dia.

Somos um dínamo-psiquismo, dotados do pensamento contínuo. Não paramos de exercitar a mente, nem mesmo quando dormimos. Os sonhos são resíduos de nossa atividade durante o sono.



O trabalho, no sentido usado pelo mentor, está representado pelo esforço em disciplinar a mente, mantendo-nos sempre ativos, interessados em aprender, em desenvolver nossas potencialidades criadoras.

Qualquer trabalho: varrer uma casa, cuidar de uma criança, preparar uma refeição, escrever um livro, ou criar um programa de computador, disciplina o cérebro, favorecendo a aquisição de conhecimentos e experiências que promovem nossa evolução.

Todas as realizações humanas, no campo individual e coletivo, sempre envolvem o esforço disciplinador do trabalho.

•

Com o desenvolvimento dos recursos tecnológicos, a tendência é haver uma progressiva redução da jornada de trabalho profissional.

[1] Op. cit. Trad. Guillon Ribeiro. 91. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

Há empresas na Europa e nos Estados Unidos com expediente de segunda a quinta-feira. O profissional desfruta de três dias de folga.

O problema está no que fazer desse tempo subtraído à jornada profissional, evitando cair na ociosidade, ou em não fazer nada.

Imperioso recordar que o trabalho, além de disciplinador, tem características saneadoras.

No atual estágio de evolução, se ficamos ociosos, mente desocupada, damos livre curso às nossas tendências inferiores e acabamos comprometidos por vícios e desregramentos.

Daí o velho ditado: *Mente vazia é forja do demônio*.

O pensamento ruim chega sempre quando não temos o que fazer, porquanto como estamos longe da angelitude, prevalecem em nós impulsos próprios da animalidade primitiva de onde viemos.

Em hospitais psiquiátricos há a praxiterapia, em que se oferece ao paciente a oportunidade de realizar algum trabalho, com o propósito de pôr ordem em sua casa mental, o que o ajuda a recompor-se.

•

Portanto, caro leitor, quando o mentor espiritual informa que o limite do trabalho é o das forças, não pretende que trabalhemos profissionalmente naquele ritmo da Revolução Industrial, no século XVIII, quando era comum a jornada de trabalho de 12 a 16 horas, com operários laborando até a exaustão.

Pretende que reservemos o tempo que nos sobra nas atividades profissionais e familiares para o empenho de aprender sempre, que alarga os horizontes de nosso entendimento, e para a aquisição de virtudes evangélicas, que estreitam o espaço para a animalidade primitiva.

Somente assim evitaremos o comportamento instintivo, divorciado da razão que complica a existência, e conquistaremos aquela riqueza que, segundo Jesus, as traças não roem, nem os ladrões roubam…

Uma riqueza formada pelas aquisições espirituais, no campo da Verdade e do Bem, patrimônio inalienável que nos sustentará o equilíbrio e a paz onde estivermos, na Terra ou no Além. ■

Conduta e enfermidade

Mauro Paiva Fonseca

Que nosso viver é uma consequência do que pensamos, dizemos e fazemos, não poderá padecer dúvida alguma, tal a profundidade da lógica que essa afirmação concentra em si mesma. O pensamento é poderosa força que escapa aos meios de percepção normais como aos recursos de avaliação da Ciência terrena; entretanto, para os que se dedicam ao estudo sério, não somente das forças psíquicas, como da alma em geral, esse poder é notório e concentra em si as razões de muitos efeitos aparentemente atribuídos a causas puramente físicas, quando em realidade têm nele a sua origem.

Cada criatura possui um estado vibratório que lhe é peculiar, definido por uma frequência representada pelo somatório de todas as vibrações particulares, cada qual resultante de um de seus atributos: quer sejam eles virtudes ou defeitos. Será óbvio concluir que se atribuirmos às virtudes valor positivo na economia do ser, resultará para os defeitos o valor negativo.

Vivemos permanentemente imersos num campo vibratório global, resultante dos pensamentos de todas as criaturas existentes, encarnadas ou desencarnadas. Ele é o universo mental que nos envolve e de cuja influência não nos poderemos eximir, malgrado

nosso. Emitimos continuamente energias mentais e, por nossa vez, as recebemos dos semelhantes. Evidentemente, a força potencial de cada energia mental emitida dependerá de uma série muito vasta de fatores, que restringem ou ampliam seu poder ativo.

Quando Jesus afirmou "sois deuses" (João, 10:34) referia-se ao poder criador do pensamento de que a grande maioria dos homens sequer suspeita e, muito menos, sabe aplicar conscientemente. Com ele poderemos atrair o bem e o mal, a ventura ou o infortúnio, a enfermidade ou a saúde, criando forças de atração ou repulsão que nos atingirão a estrutura sensível do perispírito, que comanda as atividades do corpo físico, segundo a vontade do Espírito, sede do pensamento e senhor de todo o conjunto.

Segundo nos informam Emmanuel e André Luiz por meio da farta literatura, trazida à luz pela insuspeita mediunidade do nosso querido Chico Xavier, as enfermidades vêm de dentro para fora; do espírito para a matéria. Quem enferma é o Espírito. O corpo material apenas exterioriza seu estado de desequilíbrio. No processo das expiações como a paraplegia, o mongolismo, a cegueira e outras mais, é o Espírito quem traz os ascendentes necessários ao resgate, cuja origem reside, inevitavelmente, no mau uso feito da liberdade outorgada pela Divina Sabedoria, quando a criatura aplicou, em desacordo com o respeito devido aos direitos alheios, suas energias mentais, criando com isso o determinismo indispensável da reparação. Então, ele próprio causou a mutilação com que se apresentará seu corpo físico, conhecendo, desse modo, todo o sofrimento causado à sua vítima.

É curioso notar que, quando se espalha uma epidemia, enquanto uns são atingidos por sua ação danosa, outros se conservam ilesos. Devemos compreender que nosso estado vibratório poderá sintonizar-se ou não com determinada frequência. Quando a sintonia se estabelece, atraímos para nós a energia congênere, mas se não há sintonia, a energia é repelida. São infinitamente variáveis os estados mentais com que atraímos enfermidades; desde o desequilíbrio da intemperança, até a invigilância com relação às chagas morais com que levamos infortúnios e aflições aos semelhantes, as quais invariavelmente têm origem no nosso pensamento, pois o ódio, a intolerância, a vingança, a desonestidade, a crítica, o despeito, a inveja e outros males dessa mesma ordem, produzem energias altamente venenosas que são absorvidas por nossa natureza espiritual, transformando-se em enfermidade. Foi o divino Mestre quem nos ofereceu a medicação preventiva para nos precatarmos de tais efeitos enfermiços, sentenciando:

"E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira fazei-lhes vós também". (Lucas, 6:31.) ■

Onde estiveres

Enquanto o dia canta, enquanto o dia
Esperanças e flores te revela,
Segue na estrada primorosa e bela
Da bondade que atende, ampara e cria.

Não desprezes o tempo que te espia
Por santa e infatigável sentinela...
E, alma do amor que se desencastela,
Perdoa, alenta e crê, serve e confia.

Lembra-te, enquanto é cedo! Tudo, tudo
O tempo extingue generoso e mudo,
Menos o Eterno Bem que, excelso, arde...

E onde estiveres, torturado embora,
Faze do bem a luz de cada hora,
Antes que a dor te ajude, triste e tarde!

Auta de Souza

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas redivivos*. Diversos Espíritos. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 11.

Capa

O Livro dos Espíritos 155 anos

JORGE LEITE DE OLIVEIRA

Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, foi cognominado, por Camille Flammarion, o *bom-senso encarnado*. Desde sua juventude, este Espírito de escol demonstrava seu senso positivista e racional, como lemos na frase que escreveu, aos 24 anos, em obra sobre educação pública:

> Aquele que houver estudado as ciências rirá, então, da credulidade supersticiosa dos ignorantes. Não mais crerá em espectros e fantasmas. Não mais aceitará fogos-fátuos por Espíritos.[1]

Pois foi esse mesmo Rivail que, 26 anos mais tarde, já na madureza, foi chamado a observar "estranhos fenômenos" e, após certo tempo de hesitação e dúvidas, resolveu investigar *in loco* as chamadas manifestações das mesas girantes, muito em voga na Europa, em especial na França, ali pelos anos 50 do século XIX. Viu, ouviu e sentiu, naquelas comunicações, estar contida a síntese das revelações divinas à Humanidade.

Foi-lhe, então, revelada sua missão[2] pelo Espírito Verdade e por outros Espíritos de escol, segundo a qual ele proporcionaria à Humanidade a certeza da existência, sobrevivência e manifestação das almas dos chamados mortos e as consequências morais advindas dessa certeza. Prepararia, pois, a Humanidade para uma vida melhor, resultante do conhecimento e prática das leis morais, com base no esclarecimento das respostas às perguntas que sempre nos inquietaram: *Quem sou? De onde vim? Qual a finalidade de minha vida na Terra? Para onde vou após a morte do meu corpo físico?*

Diante da grandiosidade da *nova revelação*, Rivail cercou-se de todos os cuidados para evitar fraudes, bem como da companhia de pessoas sérias como ele, e, com base no método da observação e da experimentação, preparou 1.019 perguntas, que foram respondidas pelos emissários celestes, sobre as mais transcendentes questões.

Hippolyte adotou o pseudônimo Allan Kardec, "nome que, segundo lhe revelara o guia, ele tivera ao tempo dos druidas",[3] a

[1] WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*: o educador e o codificador. 3. ed. 2. reimp. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 2011. P. 2, cap. 1, it. 4, p. 263.

[2] KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009. P. 2, Minha missão, 12 de junho de 1856, p. 366.

[3] WANTUIL, Zêus; THIESEN. Francisco. *Allan Kardec*: o educador e o codificador. 3. ed. 2. reimp. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 2011. P. 2, cap. 1, it. 6, p. 275.

fim de melhor desenvolver seus trabalhos, anônima e cautelosamente, uma vez que, segundo lhe fora informado, o Consolador prometido por Jesus provocaria enorme inquietação, mormente nas almas dos materialistas e religiosos despreparados para a chegada dos novos tempos:

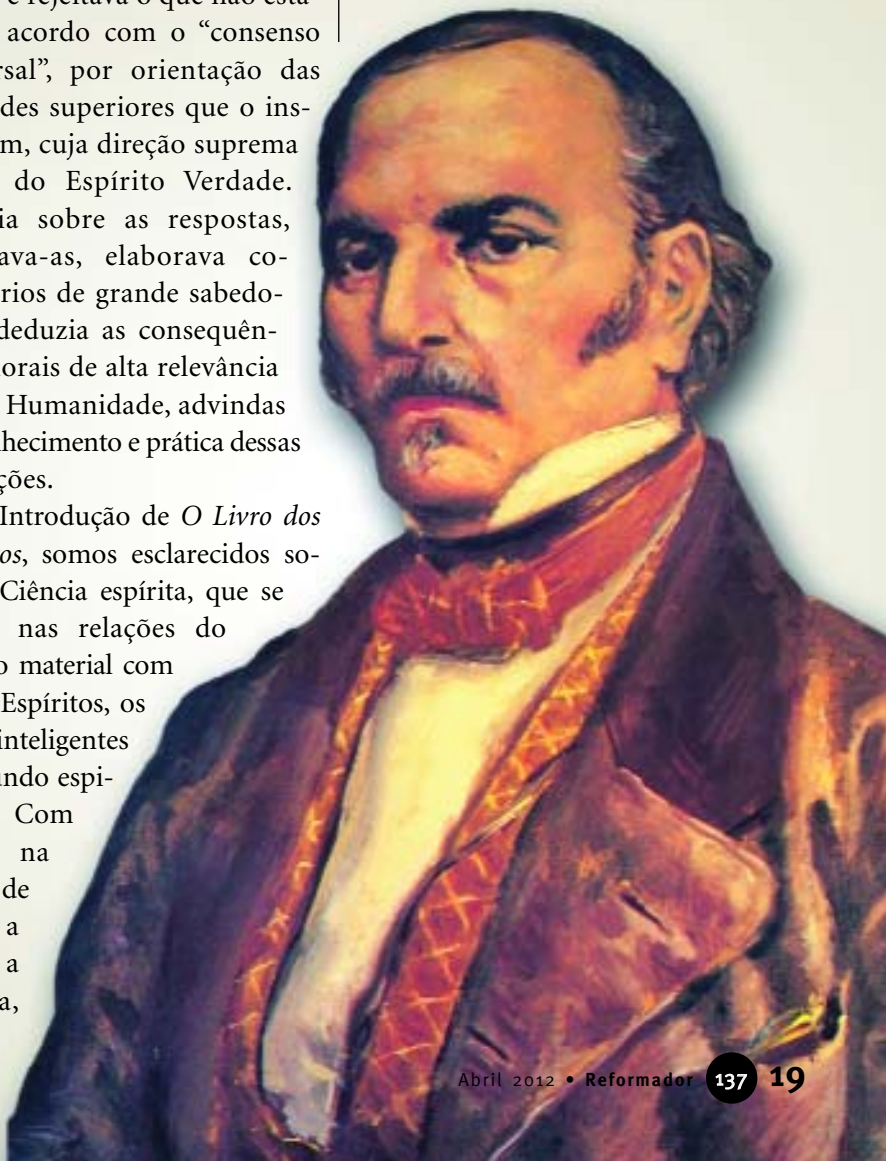
> Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.
> E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós.
> Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós.
> [...]
> Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. (João, 14:15-18 e 26.)

Assim viria a lume a obra intitulada *O Livro dos Espíritos*, inicialmente com 501 questões e já na segunda edição com 1.019, cujas respostas foram obtidas com a ajuda de médiuns, em especial mulheres, a maioria delas ainda bastante jovens. As informações colhidas por Kardec eram surpreendentes, anunciavam os primórdios de uma Nova Era para a Humanidade. Poucos anos depois, essa obra deu origem a quatro outras, que completaram o trabalho gigantesco da codificação da Doutrina Espírita: *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

Com humildade, Kardec sempre se eximiu da autoria da obra, a qual atribuiu exclusivamente aos Espíritos superiores que lhe transmitiram seus ensinamentos elevados. Mas seu trabalho foi muito além de simplesmente organizar e dispor as questões que deram origem a todo o edifício do Espiritismo. Comparava as respostas e rejeitava o que não estava de acordo com o "consenso universal", por orientação das entidades superiores que o inspiravam, cuja direção suprema era a do Espírito Verdade. Refletia sobre as respostas, analisava-as, elaborava comentários de grande sabedoria e deduzia as consequências morais de alta relevância para a Humanidade, advindas do conhecimento e prática dessas revelações.

Na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, somos esclarecidos sobre a Ciência espírita, que se baseia nas relações do mundo material com o dos Espíritos, os seres inteligentes do mundo espiritual. Com fulcro na moral de Jesus, a obra aborda, entre outros, os seguintes assuntos: Existência de Deus; Imortalidade da Alma; Mundo dos Espíritos; Reencarnação; Pluralidade dos Mundos Habitados e Comunicabilidade dos Espíritos.

Em *Prolegômenos*, lemos o anúncio dos Espíritos de que são chegados "os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal". Os Espíritos superiores são os ministros de Deus e os agentes de sua vontade. Sua missão é instruir e esclarecer os homens, abrindo-se "uma Nova Era para a regeneração da Huma-



nidade". As informações sobre as *Causas Primeiras*, que têm Deus como a base de tudo, com 75 questões respondidas, estão contidas no Livro Primeiro dessa obra, que se subdivide em quatro Livros ou Partes.

No Livro Segundo, estão impressas as informações sobre o *Mundo Espiritual ou dos Espíritos*. Essa parte vai da questão 76 a 613. Ali, encontramos informações sobre os três elementos do ser humano: alma, perispírito e corpo. Nesse Livro, temos ainda esclarecimentos de que a reencarnação se caracteriza pela passagem das almas por muitas existências corporais e de que "tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo" (Q. 540). Ao tornarmo-nos Espíritos puros, não mais estaremos sujeitos a reencarnações em corpos grosseiros; a natureza espiritual será nossa conquista permanente, junto com a felicidade, que jamais se confunde com um estado de eterna ociosidade, haja vista que, para os Espíritos superiores, o trabalho nada tem de penoso, e sim de imenso prazer e colaboração permanente com o Criador.

O Livro Terceiro trata sobre as *Leis Morais*. Possui 12 capítulos. Nele, somos informados de que a Lei Divina está escrita em nossa consciência (Q. 621), de que Jesus é o tipo mais perfeito que Deus já nos ofereceu para nos guiar e servir de modelo (Q. 625). Também temos ali a informação de que o meio prático mais eficaz de nos melhorarmos nesta vida e de resistir ao arrastamento do mal é o do autoconhecimento, junto à mais desinteressada caridade, e de que a moral, regra de bem proceder, funda-se na estrita observância da lei de Deus (Q. 919 e 919a).

Por fim, deparamo-nos, no Livro Quarto, com as *Esperanças e Consolações*, em apenas dois capítulos, que nos fazem refletir sobre temas como o de que somos obreiros de nosso próprio sofrimento, mas também da felicidade, quando, com nossa melhoria e trabalho, colaborarmos para a transformação da Humanidade. Cabe-nos, para isso, combater a grande praga do nosso tempo: o materialismo, fonte de imensas desgraças, pela degradação moral a que são levados os que nele creem, dando vazão aos instintos primitivos.

A elevação espiritual de Allan Kardec ressalta destas suas palavras, em 12 de junho de 1856, ao receber a incumbência do Espírito Verdade de tornar-se o missionário da Codificação Espírita, que anuncia uma Nova Era para a Humanidade:

> Senhor! Já que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! A minha vida está nas tuas mãos; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa vontade não desfalecerá, mas talvez as forças me traiam. Supre a minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e o amparo dos teus celestes mensageiros, tudo farei para corresponder aos teus desígnios.[4]

Cerca de 10 meses depois, a 18 de abril de 1857, era publicada a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, e um *novo tempo* inaugurava-se para a Humanidade! Cabe a nós, espíritas, estudar, refletir, comparar com as demais obras da Codificação de Kardec e com os acontecimentos de nossa época o conteúdo desse livro sempre atual e de incomparável grandeza. Compete-nos trabalhar o sentimento e as ações na prática incessante do bem e na divulgação dessa obra grandiosa, proveniente das mais altas regiões espirituais, de onde o Cristo de Deus dirige os destinos da Terra.

Unamo-nos, como um feixe de varas conduzido por Jesus, a fim de colaborarmos, humildemente, com sua obra de transformação da Terra num mundo destinado aos justos e onde as misérias material e moral não mais proliferem. Amemo-nos e instruamo-nos, começando pelo estudo e aplicação prática de *O Livro dos Espíritos*! ■

---

[4]KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009. P. 2, Minha missão, 12 de junho de 1856, p. 369.

Nem todos

"E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar."
– (Lucas, 9:28.)

Digna de notar-se a atitude do Mestre, convidando apenas Simão e os filhos de Zebedeu para presenciarem a sublime manifestação do monte, quando Moisés e outro emissário divino estariam em contato direto com Jesus, aos olhos dos discípulos.

Por que não convocou os demais companheiros?

Acaso Filipe ou André não teriam prazer na sublime revelação? Não era Tomé um companheiro indagador, ansioso por equações espirituais? No entanto, o Mestre sabia a causa de suas decisões e somente Ele poderia dosar, convenientemente, as dádivas do conhecimento superior.

O fato deve ser lembrado por quantos desejem forçar a porta do plano espiritual.

Certo, o intercâmbio com esse ou aquele núcleo de entidades do Além é possível, mas nem todos estão preparados, a um só tempo, para a recepção de responsabilidades ou benefícios.

Não se confia, imprudentemente, um aparelho de produção preciosa, cujo manejo dependa de competência prévia, ao primeiro homem que surja, tomado de bons desejos. Não se atraiçoa impunemente a ordem natural. Nem todos os aprendizes e estudiosos receberão do Além, num pronto, as grandes revelações. Cada núcleo de atividade espiritualizante deve ser presidido pelo melhor senso de harmonia, esforço e afinidade. Nesse mister, além das boas intenções é indispensável a apresentação da ficha de bons trabalhos pessoais. E, no mundo, toda gente permanece disposta a querer isso ou aquilo, mas raríssimas criaturas se prontificam a servir e a educar-se.

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Caminho, verdade e vida*. ed. esp. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Cap. 105.

A recompensa da virtude

Ademir Xavier

Acima de todas as crenças a respeito do futuro, a evolução do Espírito permanece como o único processo que se pode harmonizar com as descobertas da Ciência, sobre a evolução dos seres e das formas. Por ela reconhecemos o futuro humano como troféu de esforços repetitivos, por meio de incontáveis experiências da vida presente, a se aglutinarem na memória profunda do Espírito ao longo de suas múltiplas vidas. A constatação dessa realidade, universalizada nas questões 166 a 170 de *O Livro dos Espíritos* (LE), foi proposta antes de forma obscura e carregada de alegorias por vários sistemas religiosos. Também no registro de vários filósofos antigos e modernos podemos verificar a necessidade do progresso da alma, o que caracteriza a lei da evolução como uma das mais elementares funções do Universo. Tais constatações demonstram o caráter universal do Espiritismo. No capítulo 17 de *O Evangelho segundo o Espiritismo* (ESE), Allan Kardec reinstituiu o justo valor dos versículos 46 a 48 do quinto capítulo do Evangelho de Mateus quando Jesus afirma em síntese: "Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial". Como tais palavras fariam sentido diante da recompensa fácil do paraíso, proposta por interpretações literais e dogmáticas do Cristianismo? A chave trazida pelo Consolador iria explicar formidavelmente esse mandamento, aparentemente redundante, que o evangelista registra como do próprio Cristo.

Como dissemos, alguns filósofos antes de Kardec sentiram o progresso humano como uma necessidade. Um deles foi o filósofo inglês David Hume[1] (1711-1776) que em seu ensaio *O Estoico* (1752)[1] descreve estágios para o progresso do homem, desde sua natureza primitiva até o último nível que ele chama "homem de virtude" ou "verdadeiro sábio". Nosso objetivo aqui é traçar um paralelo entre o que escreve Hume naquele texto e as conclusões de Kardec e dos Espíritos no capítulo 17 do ESE. Antes, porém, façamos uma breve introdução a Hume. Ele foi um dos principais filósofos da escola conhecida como *empirismo*. Segundo ela, apenas da experiência poderia derivar nosso conhecimento sobre a existência das coisas externas. Junto com George Berkeley (1695-1753) e John Locke (1632-1704), Hume pode ser considerado um dos mais influentes pensadores da filosofia ocidental. Não é nosso propósito aqui fazer uma análise profunda de *O Estoico*. Pretendemos apenas analisar algumas passagens e compará-las a noções de progresso e

David Hume

[1]Obra citada. Parte I, Ensaio XVI, Ensaios morais, políticos e literários. No Brasil, o livro pode ser encontrado na coleção "Os Pensadores" da Ed. Abril (2000), trad. João Paulo Gomes Monteiro e Armando Mora D'Oliveira.

de evolução espiritual que estabelecem a base para a lei moral como uma justiça natural que governa todos os seres e coisas. No que segue, o que está em destaque são trechos de *O Estoico*.

O objetivo do autor é descrever o esforço que o homem deve fazer para o seu progresso moral, através de vários estágios que Hume justifica com base nos costumes adquiridos com a civilização. Segundo Hume, Deus distinguiu os homens dos outros animais por ter dotado aquele de um "sublime espírito celeste, conferindo-lhe certa afinidade com os seres superiores". Para Hume o progresso do homem pode ser descrito na forma de três estágios fundamentais: o do homem incivilizado que usa "paus e pedras como defesa contra as rapaces feras do deserto"; o do homem civilizado que se tornou habilidoso no trato de ferramentas, no desenvolvimento das artes e das ciências graças à Natureza e, finalmente, o homem virtuoso que Hume também chama de verdadeiro filósofo, que "comanda seus apetites, subjuga suas paixões e a quem a razão ensinou a atribuir um justo valor a todo objeto de desejo". Embora sem as noções de progresso espiritual e evolução dos seres pela reencarnação (questão 168 do LE), para Hume também é impossível retroceder:

> Mas, ao mesmo tempo que ambiciosamente aspiras ao aperfeiçoamento de tuas faculdades e poderes corpóreos, serias capaz de mesquinhamente desprezar o teu espírito, e com despropositada preguiça deixá-lo no mesmo estado rude e inculto com que veio das mãos da Natureza?

A base do progresso moral é a necessidade de se cultuar as qualidades de espírito que não devem ser desprezadas em detrimento das capacidades intelectuais. Hume reconhece assim a necessidade do progresso não só intelectual, mas também moral, observação que tomaria corpo na questão 780 de *O Livro dos Espíritos*:

> *O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?*
> "Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente".

Essa observação se tornou a base para se compreender o progresso humano em todos os sentidos. A necessidade do progresso moral é reafirmada várias vezes ao longo do LE como na questão 793, quando os Espíritos afirmam que a civilização completa é reconhecida pelo seu desenvolvimento moral.

Para o filósofo, reconhece-se o verdadeiro homem civilizado no seu esforço em domar suas paixões:

> E que o mesmo esforço pode tornar o cultivo de nosso espírito, a moderação de nossas paixões e o esclarecimento da razão

> uma ocupação agradável, quando a cada dia tomamos consciência de nosso progresso e vemos nossos traços e atitudes interiores cada vez brilhando mais com novos encantos?

Esse esforço é o verdadeiro prazer, a fonte de felicidade. No magistral "O Homem de Bem", capítulo XVII do ESE, Kardec afirmaria sobre o verdadeiro homem de bem:

> Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes de seu próprio interesse. [...]

No entender de Hume, o apogeu das conquistas e de todo prazer do "homem virtuoso" ou "verdadeiro sábio" está descrito nesta passagem que transcrevemos por sua beleza e inspiração:

> Purificai mais ainda esta generosa paixão, e admirareis mais ainda suas refulgentes glórias. Que encantos encontramos na harmonia dos espíritos, e numa amizade baseada na mútua estima e gratidão! Que satisfação em socorrer os aflitos, em reconfortar os infelizes, em levantar os caídos, e em deter a carreira da cruel fortuna, ou do homem ainda mais cruel, em seus insultos aos bons e aos virtuosos! Mas que alegria mais sublime é possível, nas vitórias sobre o vício e sobre a miséria, do que quando pelo virtuoso exemplo ou a sábia exortação, nossos semelhantes são ensinados a dominar suas paixões, a renunciar a seus vícios, a subjugar seus piores inimigos, que habitam dentro de seu próprio peito?

Ao se refletir na história de um Francisco de Assis, de um Francisco Cândido Xavier ou Madre Teresa de Calcutá, percebemos que as diferenças de tempo, espaço ou cultura pouco efeito têm sobre a verdadeira alma virtuosa. Pois em todos eles manifestam-se os mesmos pendores, as mesmas inclinações, a mesma bondade, a mesma justiça e humildade unidas em amálgama de perfeita harmonia. São exemplos de que tal estado é possível. Se vislumbramos pouco desse estado na imensa maioria, certamente o veremos muito mais no futuro, bastando que comecemos a cultivar em nós essas grandes virtudes. "No verdadeiro sábio e patriota se reúne tudo o que pode enobrecer a natureza humana, elevando o homem mortal a uma certa semelhança com a divindade" – afirmaria Hume que também define neste ponto a "beleza moral":

> Se a contemplação da beleza, mesmo inanimada, é tão deliciosa, se ela entusiasma os sentidos, mesmo quando a bela forma nos é estranha, quais não devem ser os efeitos da beleza moral? E que influência não deve ela ter quando embeleza nosso próprio espírito, como resultado de nossa própria reflexão e de nosso próprio esforço?

"Mas qual será a recompensa da virtude?", perguntaria Hume, pois, afinal a própria Natureza prevê recompensa para tamanhos sacrifícios. Estamos informados de que a suprema felicidade é o destino de todos os seres. Todos rumam para o mesmo fim que é o do "Espírito bem-aventurado; puro Espírito", segundo a questão 170 do LE, já que o Espírito é imortal. Sem o conhecimento do destino dos seres, o homem tateia nas trevas de sua própria escuridão, impulsionado por uma lei maior que o faz caminhar sem retroceder, embora ele possa, se quiser, estacionar. Ainda que sem o conhecimento que o Espiritismo traria algumas décadas mais tarde, escreveria Hume:

> A glória é o troféu da virtude, a doce recompensa de honrosos esforços, a triunfante coroa que vai cobrir a cabeça pensativa do patriota desinteressado ou a fronte empoeirada do guerreiro vitorioso. Enaltecido por prêmio tão sublime, o homem virtuoso contempla com desprezo todas as ilusões do prazer e todas as ameaças do perigo.

"Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial"– tal é o supremo objetivo, a suprema razão que também é uma beleza suprema a adornar o Espírito. Assim ensinou Jesus. ■

Em dia com o Espiritismo

A Era de Transição segundo o Espiritismo

Marta Antunes Moura

Em seu Discurso Profético afirma Jesus:

> Haveis de ouvir falar sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. *É preciso que essas coisas aconteçam*, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores.[1]

Tal profecia condiz com as condições vigentes na sociedade planetária atual que, a despeito do progresso tecnológico e científico alcançado, tem longo caminho a percorrer no campo da moralidade. Vivemos o *Período de Transição* situado entre diferentes gerações, como afirma Allan Kardec:

> [...] os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada de outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelas características que lhes são peculiares. As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais e, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.[2]

A Transição evolutiva apresenta características muito nítidas (veja "O Sermão Profético" em *Reformador* de março de 2012, p. 25), que podem ser sintetizadas na expressão "sinais dos tempos", indicativa de que "são chegados os tempos marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para a regeneração da Humanidade".[3]

> Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos se realizam paralelamente, visto que a perfeição da habitação guarda relação com a do habitante. Fisicamente, o globo terrestre tem sofrido transformações que a Ciência tem comprovado [...]. Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens concorrem para isso pelos esforços de sua inteligência. [...][4]

Cálculos que definem quanto tempo vai durar a Transição são meramente especulativos, pois

importa considerar o livre-arbítrio, individual e coletivo, como fatores determinantes. Uma certeza, contudo, se sobressai: a Transição apresenta desafios significativos, consequentes das ações humanas e das transformações na estrutura da habitação planetária, fatores que definem as condições de vida em sociedade, do presente e do futuro. As tribulações do Período de Transição representam, contudo, oportunidades concedidas pela divina providência para melhoria moral e intelectual do ser humano. Nesse aspecto, pontua Kardec:

> Sim, por certo a Humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento: crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam consigo as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.[5]

Os desafios da Transição produzem agitações em ambos os planos de vida:

> À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, por vezes e mesmo na maioria das vezes, já que tudo se conjuga, na Natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, depois do que o céu se torna sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas ideias, percorre uma nova etapa de progresso.[6]

Os acontecimentos reveladores da Transição, consoante a previsão de Jesus anunciada no seu Sermão Profético (Mateus, 21:1-31; Marcos, 13:1-23 e Lucas, 21:5-24), falam, entre outros, de conflitos bélicos, lutas fratricidas, atos de violência, traições, caos social – todos reveladores do atraso moral que ainda predomina no Planeta – os quais, conjugados às calamidades naturais, produzem muito sofrimento, a despeito do significativo desenvolvimento tecnológico e científico. Vemos, assim, que o progresso intelectual fez surgir uma sociedade mais instruída, todavia moralmente enferma.

> Até aqui, a Humanidade tem realizado incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: *fazerem que reinem entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, que lhes assegurem o bem estar-moral.*[7]

Para tanto, faz-se necessário férreo combate às imperfeições espirituais, sobretudo o egoísmo, como asseveraram os Espíritos orientadores da Codificação Espírita. No processo de melhoria moral, a destruição do egoísmo é apontada como a base para a construção de uma sociedade humana mais solidária. O Espírito Fénelon reconhece, todavia, que não é tarefa fácil:

> De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de extirpar é o egoísmo, porque resulta da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pôde libertar-se, já que tudo concorre para mantê-la: suas leis, sua organização social, sua educação. [...][8]

A eliminação do egoísmo ou minimização de ações egoísticas são, como tudo, um processo educativo, que requisita esforços incessantes no lar, na escola, no ambiente profissional, na via pública, no templo etc., como bem esclarece o Espiritismo:

> Louváveis esforços são empregados para fazer que a Humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época; não obstante, o verme roedor do egoísmo continua a ser a praga social. É um mal real, que se espalha por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Assim, é preciso combatê-lo como se combate uma moléstia epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: remontando à causa do mal. Que se procurem

> em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências, patentes ou ocultas, que excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. [...] A cura poderá ser demorada, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for cortado pela raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. [...][9]

O desenvolvimento de virtudes, consequência natural da batalha contra as imperfeições, faz surgir, então, uma sociedade mais espiritualizada, mais moralizada, atenta não só ao bem-estar próprio, mas ao do próximo.

> A Humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade; já não encontra, no estado das coisas, as satisfações legítimas a que se sente com direito. É por isso que se despoja das fraldas da infância e se lança, impelida por uma força irresistível, para margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados.
>
> É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de *crescimento moral*, que ora chega a Humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril. [...] O presente é demasiado efêmero; ela sente que o seu destino é mais vasto e que a vida corpórea é restrita demais para encerrá-lo inteiramente. Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir o mistério da sua existência e de adquirir uma consoladora certeza.
>
> E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transborda a vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio, que homens que se dizem filósofos pretendem encher o vácuo com as doutrinas do niilismo e do materialismo! [...][10] ■

Referências:

[1]BÍBLIA DE JERUSALÉM. Diversos tradutores. São Paulo: Paulus, 2004. 3. reimp. Mateus, 24:6-8.

[2]KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Cap. 18, it. 28, p. 535.

[3]_____. _____. It. 1, p. 513.

[4]_____. _____. It. 2, p. 514.

[5]_____. _____. It. 9, p. 521.

[6]_____. _____. p. 522.

[7]_____. _____. It. 5, p. 516.

[8]_____. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Q. 917.

[9]_____. Comentário de Kardec à q. 917.

[10]_____. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Cap. 18, it. 14, p. 525-526.

Arbítrio dos Espíritos

Licurgo Soares de Lacerda Filho

Quando crianças, nós, Espíritos, estamos sujeitos às limitações impostas pelo corpo físico e às necessidades de adaptação ao meio material, no qual somos inseridos.

Neste ponto da vida, quase não exercemos a liberdade de escolha, já que, até mesmo para as necessidades básicas, precisamos de ajuda. Até um certo momento, comemos, bebemos e vestimos o que determinam nossos pais ou responsáveis.

Passa-se o tempo, e vamos nos tornando mais aptos a viver no plano da materialidade. Passamos a pensar e agir, modificando o mundo à nossa volta.

Pensar e agir constituem as mais singulares formas de expressão da individualidade e sempre refletem a experiência obtida nas encarnações precedentes, bem como, a influência exercida sobre nós, na presente encarnação, proveniente de nossos pais, educadores e daqueles que nos cercam.

Com o tempo, amplia-se a diversidade de escolhas e decisões, e, de forma diretamente proporcional, dilata-se a responsabilidade, isto é, a obrigatoriedade de

responder pelo resultado de nossos atos.

Isso nos leva à conclusão de que o desenvolvimento da liberdade de escolha está intimamente relacionado à responsabilidade que se possa ter por suas consequências.

Assim acontece durante toda a nossa jornada como Espíritos.

Inicialmente, quando agimos sob o império dos instintos, e a razão está em seu estado embrionário, preocupamo-nos apenas com nossas mais elementares necessidades.

Com as idas e vindas na carne e o consequente desenvolvimento intelecto-moral, vamos melhor nos identificando e conhecendo nosso papel perante a vida. Estrutura-se o discernimento acerca do bem e do mal, amplia-se a responsabilidade por nossos atos, pois que estes decorrem de decisões baseadas na prevalência da razão.

Não há dúvida: "escrevemos" nossos "destinos", considerando as escolhas e opções que fazemos, dentro do meio em que estamos inseridos; tudo isso, levando em conta os atos que deveremos ensejar no campo das reparações.

Nesse momento, para o Espírito que aí se enquadre, o livre-arbítrio já é uma realidade.

Dizem-nos os Espíritos superiores que:

> Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu uma missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição [...].[1]

A meta, a diretriz, o horizonte de todo Espírito é, portanto, a perfeição.

Em linhas gerais, é possível correlacionar a evolução moral-intelectual do Espírito e o desenvolvimento de seu livre-arbítrio, sendo ambos elementos da jornada rumo à perfeição, que pode ser feita por diferentes e infinitos caminhos.

Por isso, é natural que cada qual, à medida que realiza sua jornada evolutiva – seja no plano material ou espiritual –, escolha o caminho que percorrerá, dentre a infinidade de opções que lhe surgirão pela frente, resultando, daí, que a perfeição espiritual seja alcançada com menor ou maior brevidade – se é possível utilizar esta expressão quando se trata da evolução do Espírito.

Ao final, o que em verdade interessa é construir nosso amanhã por meio da ação efetiva no hoje; sabendo que pelo uso do livre-arbítrio poderemos até mesmo errar, tendo sempre oportunidades de reparação. É necessário, porém, considerar os lamentáveis entraves que podem advir da insistência em permanecermos conscientemente no erro, utilizando de forma equivocada nosso livre-arbítrio e tornando mais árdua nossa jornada evolutiva. ■

Referência:

[1]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Q. 115.

Rimas fraternas

Guarda contigo o amor puro por senha
No roteiro cristão...
Ainda mesmo quando a amargura venha
Sangrar-te o coração.

Quem procura no Cristo, cada dia,
A bênção de viver,
Sacrifica-se, ama e renuncia,
No perdão por dever.

Que importam desventuras no caminho,
No fel que nos invade,
Se procuramos no Celeste Ninho
A luz da eternidade?

Tudo passa na Terra e a nossa glória,
Na alegria ou na dor,
É refletir na luta transitória
A sublime Vontade do Senhor.

Cármen Cinira

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Relicário de luz*. Diversos Espíritos. 6. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. p. 94.

A Campanha da Evangelização Espírita Infantojuvenil na Opinião dos Espíritos

A Campanha de Evangelização Espírita Infantojuvenil foi lançada por ocasião da reunião do Conselho Federativo Nacional, em novembro de 1977, sob a presidência do Sr. Francisco Thiesen, e aprovada por unanimidade pelos presidentes das Federativas Estaduais. Graças ao êxito das ações desenvolvidas, a Campanha adquiriu, no ano seguinte, o caráter permanente e dedicou-se, ao longo desses 35 anos de existência, a inúmeras e qualificadas ações em prol da dinamização da tarefa.

Visto que "o Evangelho e o trabalho incessante pela renovação do homem interior devem constituir a nossa causa comum",[1] essa época profícua registrou a preocupação do Movimento Espírita em oferecer à criança e ao jovem a oportunidade de estudo da Doutrina Espírita e da vivência do Evangelho de Jesus. Desde então, os Espíritos responsáveis por esse trabalho têm oferecido suas impressões acerca dessa nobilíssima e importante iniciativa, fornecendo-nos orientações que norteiam a tarefa, especialmente, ao destacarem a responsabilidade de todos os espíritas com a ação evangelizadora das novas gerações.

Em uma breve linha do tempo, compartilhamos com os caros leitores alguns trechos de entrevistas que refletem a opinião dos Espíritos sobre a importância desse período, destacando respostas de Dr. Bezerra de Menezes, de Francisco Thiesen e Vianna de Carvalho. Com alegria, apresentamos, ainda, com exclusividade, trecho de entrevista inédita com Divaldo P. Franco, que gentilmente responde, sob inspiração de Bezerra de Menezes, a algumas questões encaminhadas pelo Departamento de Infância e Juventude da FEB acerca dos 35 Anos da Campanha Permanente de Evangelização.

Esperamos que tais mensagens representem valioso subsídio para reflexão de todos os trabalhadores envolvidos na nobre tarefa de evangelizar a criança e o jovem:

• **1982** – 5 Anos da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil

➢ Espírito **Bezerra de Menezes**, médium Júlio Cezar Grandi Ribeiro:

> [...] Por esse motivo, são tão necessárias as campanhas de esclarecimento junto à família cristã, às instituições Espíritas, como também aos próprios evangelizadores.
>
> Não há dúvida de que, crescendo a demanda, se aprestarão novos colaboradores para a ampliação das legiões evangélicas de encarnados e desencarnados, às quais não faltarão os recursos da fé e as inspirações do Mais Alto para que se efetivem as semeaduras da luz. (Fonte: *Reformador*, ano 100, n. 1.843, p. 26(310)-28(312), out. 1982.)

• **1997** – 20 Anos da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil

➢ Espírito **Francisco Thiesen**, médium Divaldo Pereira Franco:

> [...] a Campanha vem sensibilizando as pessoas responsáveis pelo progresso da Humanidade, nas Casas Espíritas, despertando novos e interessados traba-

lhadores, que compreendem a urgência da educação espírita-cristã, à luz do Evangelho e da Codificação.

[...]

Já se podem observar esses resultados, acompanhando-se aqueles que ontem estiveram nas classes da Campanha e agora, alcançada a idade adulta, perseveram nos ideais espíritas e trabalham com entusiasmo [...]. Dignificados pelo conhecimento e vivência dos postulados espírita-cristãos que aprenderam na Infância e na Juventude, enfrentam melhor os desafios que os surpreendem, ricos de esperança e de paz [...].

[...]

É necessário que sejam mobilizados todos os recursos disponíveis, a fim de que a Campanha prossiga no seu rumo iluminativo [...].

[...]

Contribuir, portanto, para que a Campanha de Evangelização Infantojuvenil atinja os seus objetivos é compromisso de todo espírita responsável e disposto ao trabalho do Bem, particularmente aqueles que dirigem as Casas Espíritas, conduzindo-as conforme os postulados exarados na Codificação.

(Trechos de mensagens-respostas, recebidas, psicograficamente, por ocasião do 20º ano da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil, em 31/8/1996.)

• **2007** – 30 Anos da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil

➢ Espírito **Vianna de Carvalho**, médium Divaldo Pereira Franco:

Em face do constante intercâmbio entre os Espíritos encarregados de promover o progresso da Humanidade e o programa em torno da Evangelização Espírita Infantojuvenil, o mesmo prossegue sob carinhosa inspiração e assistência desses nobres Benfeitores interessados na iluminação das consciências em formação, antes da fixação de ideias perturbadoras, muito comuns nesse período de formação da personalidade e do caráter.

(Trecho de mensagem-resposta transmitida pelo Espírito, ao final do 3º decênio da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil, em 26/2/2007.)

• **2012** – 35 Anos da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil

➢ Médium Divaldo Pereira Franco, sob inspiração de **Bezerra de Menezes**:

Segundo o venerando Espírito Dr. Bezerra de Menezes, o labor da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil, que vem sendo aplicado nos últimos decênios, sempre atualizando-se das propostas modernas da psicopedagogia, tem sido de relevantes e positivos resultados, por oferecer à criança e ao jovem os ensinamentos espíritas e cristãos em linguagem acessível, fundamentados na Codificação.

Cuidar desses segmentos de alto significado, que são a infância e a juventude, constitui-nos dever impostergável que não pode ser descurado, tendo em vista que são eles os construtores do futuro e, naturalmente, realizarão a tarefa a que estão destinados conforme os recursos de que dispuserem graças àqueles que têm a tarefa de os orientar com segurança e dignidade. (Salvador/BA, 21 de novembro de 2011, mensagem remetida à Federação Espírita Brasileira.) ■

Referência:

[1]XAVIER, Francisco Cândido. À luz do Evangelho. Pelo Espírito Emmanuel. *In*: *Reformador*, ano 129, n. 2.189, p. 17(295), ago. 2011.

O provisório esquecimento do passado

Rogério Miguez

É muito comum que os iniciantes no estudo da Doutrina Espírita, após tomarem conhecimento da lei das reencarnações, questionem qual a razão de esquecermos o que fizemos e o que fomos nas vidas passadas. Têm a impressão de que seria muito melhor se nos lembrássemos de tudo, argumentam, adicionando ainda que, com a ciência do que fizemos poderíamos melhor nos conduzir na vida atual e aproveitar as oportunidades presentes.

Uma primeira abordagem que poderíamos fazer, bastante simplista, esclarecendo estes novos espíritas, é de que, se cremos em Deus, e Ele assim determinou, é que há nisso vantagem e sabedoria: é Lei de Deus, ponto final!

Contudo, nada impede que tentemos entender e aprofundar o tema um pouco mais, pois isso nos ajuda a construir a fé que pode encarar a razão a qualquer momento. Entretanto, de modo a não criarmos uma expectativa muito grande neste aprofundamento da questão, podemos adiantar que o homem não pode, nem deve saber de tudo.

A Doutrina nos ensina que, esquecido de seu passado, o homem é mais senhor de si, tem condição de melhor conduzir a própria vida.

Esclarece ainda que, se lembrássemos de tudo, pode-se afirmar, não seria mais fácil lidar com as situações do dia a dia, muito pelo contrário, haveria perturbações nas relações sociais e mesmo dentro do ambiente familiar. Basta recordar que, frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, cercado de muitos com quem dividiu experiências no passado.

Imaginemos lembrar que tiramos a vida de um familiar; fomos o responsável pela doença ou problema mental que nosso filho agora apresenta; levamos à morte milhares de pessoas; destruímos, queimamos e conquistamos pela força; semeamos o medo e a desgraça entre os povos. Não há dúvida de que se nos recordássemos desses feitos teríamos sentimentos nada tranquilizadores de vergonha, humilhação, remorso e acentuada culpa.

Além disso, existiriam perseguições intermináveis por parte daqueles que ainda poderiam se sentir prejudicados por atos passados, lutas dificílimas se estabeleceriam, caso pudéssemos nos reconhecer inequivocamente.

Mais ainda, o processo de educação dos pais seria altamente prejudicado. Imagine se um pai ou mãe, tentando dar bons conselhos e orientações a um filho, escutasse: "Meus pais, que história é essa de me dizerem o que fazer, alegando preocupação comigo! Ora, na vida passada vocês me abandonaram, não foi? Será que eu posso confiar em vocês nesta vida? Que garantias tenho de que o interesse de vocês agora é verdadeiro? O que mudou?".

A recordação das afeições especiais e de momentos positivos no passado poderia também favorecer e estreitar relacionamentos particulares, o que de igual modo não é o desejado na busca da construção da família universal. E se o oposto se desse, ou seja, quando inimigos se reconhecessem dentro de uma mesma família? haveria a ruptura imediata do grupo.

Quantas vezes nos perguntamos em tantas situações: "Se eu tivesse de recomeçar, não faria mais o que fiz, certamente teria feito de modo diverso". Existe mesmo o famoso ditado que diz: "Se arrependimento matasse!". Nada a estranhar, uma vez que é a realidade em um mundo de provas e de expiações, habitado ainda por grande maioria de Espíritos muito distantes da perfeição. Apenas os orgulhosos não reconhecem os seus desvios das leis de Deus, não admitem que já se equivocaram em muitas ocasiões. Afinal, só não se equivoca quem é perfeito, estado evolutivo que ainda não alcançamos neste mundo.

Como reagiríamos se lembrássemos dos nossos deslizes de vidas passadas com os executados na vida presente! Isso poderia levar muitos à loucura e desequilíbrios inimagináveis. O Espírito de evolução mediana, como todos nós, não consegue suportar tal pressão sobre si mesmo.

Observando, por outro lado, feitos de destaque no passado, esses poderiam também fazer surgir ou reacender o tão indesejado orgulho, bem como a vaidade, traços de personalidade nada construtivos para quem necessita de um novo começo, de uma nova vida.

Observemos que, de modo geral, na vida presente, colocamos as faltas ou deslizes e os atos que nos comunicam certa vergonha e arrependimento, nos porões da consciência, alojando-os o mais fundo possível. É um mecanismo de defesa do Espírito, e o fazemos com tamanha intensidade que de ordinário o Espírito de fato se "esquece" temporariamente daquele ato infeliz. São necessárias certas técnicas para levá-lo a recordar do acontecido. Assim, tentamos fazer exatamente o que Deus faz natural e sabiamente, pois quem quer lembrar-se dos erros do passado e da vida presente?

A razão de afirmarmos que o esquecimento é provisório reside

no fato de que nos lembraremos das nossas vidas quando estivermos desencarnados. Sabe-se, contudo, que as lembranças não se apresentarão de imediato, com todos os detalhes de inúmeras vidas, mas irão clareando na medida em que estivermos preparados para ver-nos face a face com as nossas antigas personalidades.

Lembremos mais uma vez que colocamos no porão da consciência, quando encarnados, os atos e situações que nos desgostam. Na vida espiritual há processo semelhante, embora seja o perispírito como que um imenso baú de memórias, conservando o registro de todos os nossos atos. Pela bondade de Deus, quando desencarnados, não acessaremos de imediato, na lucidez da consciência, tudo o que fizemos, visto que se tal acontecesse, nos desequilibraríamos intensamente, não nos aceitando como atores e partícipes de lances infelizes que certamente protagonizamos em diversas vidas regressas.

É fato que existe a possibilidade de acessar algo do nosso passado quando estamos dormindo, pois, parcialmente liberto do corpo, o Espírito adquire certa lucidez que permite ter relances ou vislumbres de certos momentos do passado. Essas lembranças podem funcionar como avisos ao encarnado sobre certas condutas e posições que na vida presente experimenta e que não interessam no momento. Representam mais uma demonstração da bondade de Deus alertando-nos para seguir as leis morais.

É de se observar que a sociedade comumente age, em relação aos seus ex-condenados, de modo contrário à lei de Deus. É raro esquecer-se do que fez o ex-detento e, por conta disto, não se lhe dá novas oportunidades. Deus não age assim e, como o seu amor é incondicional e imensurável, como nos deseja o melhor e que conquistemos a nossa perfeição, dá-nos esta bênção provisória de esquecermos o passado, possibilitando ainda a vivência de novas oportunidades, tantas quantas forem necessárias, para que de fato aprendamos o que é preciso aprender.

Se nem sempre podemos nos honrar do nosso passado, melhor é esquecê-lo temporariamente.

Todavia, chegará o tempo, e isto é certo, quando, pela força das nossas aquisições morais, da melhora ética em nossa conduta, passaremos a ter boas, excelentes lembranças do que fizemos, e nessa hora, então, será tudo alegria, felicidade. Teremos imenso prazer em recordar o que construímos de bom para nós mesmos e para o próximo. Poderemos manter as portas dos porões da consciência destrancadas, sem ferrolhos, uma vez que nada mais nos envergonhará, nada mais temeremos e nada nos incomodará. A certeza de um passado totalmente superado pelas boas obras será a nossa garantia de paz e tranquilidade interior.

Nada obstante, na nossa situação atual, mais vale esquecer do que lembrar! ■

Reunião das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional

Representantes das Entidades Especializadas com o presidente e diretores da FEB

Nos dias 25 e 26 de fevereiro, desenvolveu-se na sede da Federação Espírita Brasileira a Reunião das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, como desdobramento de reunião ocorrida em novembro, na véspera da Reunião Ordinária do CFN da FEB. Na manhã do dia 25, como convidados, os representantes dessas Entidades acompanharam uma parte do "Encontro de Preparação dos Colaboradores da Área de Estudo Doutrinário", do Campo Experimental da FEB. Em seguida, desenvolveu-se a Reunião específica, com o objetivo de tratar dos assuntos relacionados com as atividades das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, atendendo à seguinte pauta: Constituição de Comissões Temáticas das Entidades Especializadas para assessoria à FEB nas áreas parlamentar, jurídica e da saúde; Formas de apoio e participação destas Entidades junto ao trabalho das Entidades Federativas Estaduais; Defesa da Vida e movimentações para se evitar a liberação do aborto. Iniciou-se a discussão sobre a melhor forma de organização do conjunto dessas Entidades e suas relações com a FEB. Houve apresentação das atividades das Entidades e foi prevista a realização de outras reuniões no segundo semestre deste ano. Compareceram os representantes: Associação Brasileira de Artistas Espíritas (Abrarte), Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (Abrade), Associação Brasileira de Esperantistas-Espíritas (ABEE), Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME), Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (Abrape), Associação Jurídico-Espírita do Brasil (AJE-Brasil), Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil), Cruzada dos Militares Espíritas (CME), Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB), e como convidadas: Organização Social Cristã-Espírita André Luiz (OSCAL) e Pró-Saúde Mental. A Reunião foi dirigida pelo presidente da FEB, Nestor João Masotti, e assessorada pelo secretário-geral da FEB, José Valdo de Oliveira, e pelo secretário-geral do CFN da FEB, Antonio Cesar Perri de Carvalho. Informações: <diretoria@febnet.org.br>.

100 anos de Cursos de Esperanto na FEB

Convite para o evento comemorativo em maio

Affonso Soares

O próximo mês de maio assinalará a passagem do centenário do primeiro curso da Língua Internacional Neutra, instalado na Federação Espírita Brasileira (FEB).

O evento, altamente significativo nos círculos esperantista e espírita do Brasil, será comemorado na Sede Central da FEB, em Brasília, no dia 20 de maio.

Como se trata de uma comemoração que transcende o âmbito exclusivo do Movimento Espírita, já que a divulgação da língua por meio de cursos é tarefa comum a todas as organizações que servem ao esperanto e dele se servem para seus próprios objetivos, queremos também estender-lhes os inegáveis méritos, pretendendo abraçá-las todas numa festividade comum, de modo que ainda mais se fortaleçam os laços fraternos entre a FEB e os movimentos que cada uma representa nos seus diversos campos de ação.

Nesse sentido, já estão aqui formalmente convidados para esse encontro em nossa Sede Central todos os esperantistas, espíritas e não-espíritas, todas as organizações neutras do Movimento Esperantista, todas as instituições de esperantistas-espíritas e, principalmente, todos os movimentos religiosos que, no Brasil, divulgam e utilizam o esperanto em suas nobres atividades, sem prejuízo dos convites especiais que lhes serão enviados oportunamente, contendo detalhes da programação do evento.

Reiteramos nosso sincero desejo de contar com a presença desses trabalhadores do Bem, para que possamos formar, nesse dia festivo, um ambiente em plena harmonia com os ideais elevados de Zamenhof, os quais constituem, efetivamente, a alma do esperanto.

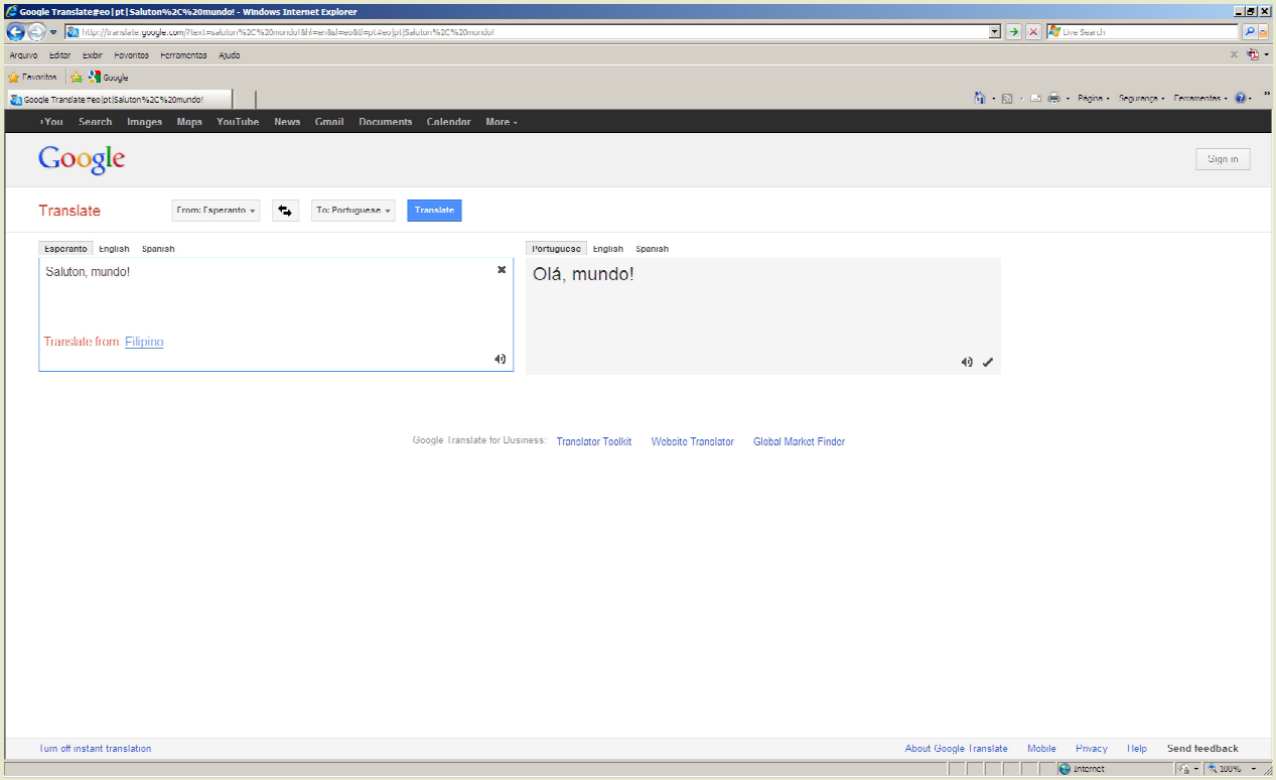
Um resumo histórico dessa bela e fecunda iniciativa centenária da FEB, que se desenvolveu e disseminou em todo o Movimento Espírita brasileiro, com crescente e benéfica influência nas hostes esperantistas em nosso País, será apresentado no próximo número de *Reformador*.

Do Movimento Esperantista

Esperanto no *Google*

O *site Google* recentemente incluiu o esperanto entre as línguas disponíveis em seu serviço de tradução.

Agora será possível utilizar esse servidor para se traduzir textos do português para o esperanto e vice-versa.



Página de tradução do *Google* agora com opção para o Esperanto

O esperanto é a 64ª língua que o *Google* oferece para tradução.

Consulte: <http://translate.google.com/?text=saluton%2C%20mondo!&hl=en&sl=eo&tl=pt#eo|pt|Saluton%2C%20mondo!>

Parceria entre a Associação Universal de Esperanto e a UNESCO

A *Universala Esperanto-Asocio*, com sede em Rotterdam, Holanda, <www.uea.org>, por decisão da diretora-geral da UNESCO, Sra. Irina Bokova, tornou-se parceira-consultiva daquele órgão mundial, de acordo com as novas diretrizes, adotadas em novembro último pela Conferência Geral, sobre relações da UNESCO com as Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Com efeito, de acordo com essa resolução, já não se trata apenas de relações mas de parceria, para que se torne claro que a UNESCO visa a colaborar com as ONGs no campo dos objetivos comuns, e não apenas manter com elas uma relação meramente formal.

Para a UNESCO, as ONGs são importantes pois que é por meio delas que se atinge diretamente a sociedade civil independentemente das estruturas estatais.

Doutrina Espírita – Spiritisma Doktrino

"A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas." – (Allan Kardec, *A Gênese*, Ed. FEB, cap. 18, it. 27.)

"Laŭ la Spiritoj, la Tero ne transformiĝos pere de ia kataklismo, kiu subite neniigus tutan generacion. La nuna generacio grade malaperos, kaj la nova sammaniere ĝin postvenos, sen ia ŝanĝo en la natura ordo de la aferoj." – (Allan Kardec, *La Genezo*, ĉap. 18, n-ro 27.) ■

70 anos de *Paulo e Estêvão* e os trabalhadores espíritas

Diretor da FEB abre o seminário na UEM, vendo-se da esq. para a dir.: Haroldo Dutra Dias, Marival Veloso de Matos, Célia Maria Rey de Carvalho e Wagner Gomes da Paixão

As comemorações dos 70 anos de publicação de *Paulo e Estêvão*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, foram iniciadas com o lançamento do seminário "Os trabalhadores espíritas e os primeiros cristãos, à luz da obra *Paulo e Estêvão*", no Estado natal de Chico Xavier, na sede da União Espírita Mineira (UEM), no dia 5 de fevereiro. Ocorreu após reunião do Conselho Federativo da União Espírita Mineira, tendo, como público-alvo, seus membros e representantes de instituições espíritas da cidade e Região. Do programa do seminário constaram os temas: "Lançamento e repercussão da obra", por Antonio Cesar Perri de Carvalho; "A vivência de Saulo/Paulo", por Haroldo Dutra Dias; "Senhor, que queres que eu faça?" – estudo de casos selecionados do livro, adequando-os à realidade do nosso Movimento Espírita, por Célia Maria Rey de Carvalho e Wagner Gomes da Paixão, contando com a participação do público. O auditório da UEM estava superlotado e durante o evento Wagner Gomes da Paixão psicografou e leu os textos: "Compromissos renovados", de Honório Onofre de Abreu, e "Por dever de consciência", de Rômulo Joviano. O evento foi presidido pelo presidente da UEM, Marival Veloso de Matos, e coordenado pelo secretário-geral do CFN da FEB. Este último informou que o seminário deverá ser desenvolvido em várias regiões do País, ao longo do ano, e que também age como preparativos para as comemorações do Sesquicentenário de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Informações: <uembh@uembh.org.br>; <cfn@febnet.org.br>. ■

Compromissos renovados

Meus irmãos, Deus nos abençoe!

A marcha que nos assinala o momento, sob os auspícios do Consolador, caracteriza-se por bênçãos renovadas a nos aguardar o esforço e o comprometimento pessoal.

Adentrar o "vasto continente espiritual" que podemos identificar no Evangelho de Jesus, requer de nós a submissão dos sentimentos devidamente esclarecidos pelos princípios libertadores do Espiritismo.

Todo empreendimento que se erige promissor tem sua garantia de êxito na conjugação de elementos sob justa e vigilante coordenação.

No trato com os valores imortais da Boa Nova, somos os operários da grande empresa, mas também somos nós os que oferecerão, em obras elevadas no plano pessoal, os recursos intelecto-morais que revelarão as Virtudes e o Amor tão aguardados pela Humanidade.

Associado aos benfeitores de nossa Causa universal pelo bem da Família Humana, vislumbramos o grande futuro de júbilos e trabalhos qualificados que nos esperam...

À luz do Cristo amado, nosso Movimento de renovação e caridade, consciência e fé, conta com investimentos sublimes, em que os Apóstolos do Mestre, assessorados por baluartes lúcidos de nossa história terrena, assumem expressivo e efetivo papel. Dentro dos projetos e perspectivas que se tornam a riqueza divina a nos estimular os corações, a divulgação sem fronteiras da obra máxima da Terceira Revelação e a internalização da mensagem evangélica, com seu poder imensurável de transformar e redimir!

Sim, amigos! A Transição é um cadinho fumegante a nos induzir às mais graves reflexões e dores, não para castigo ou maldição, mas com o fito de desmontar o "homem velho", pelo mecanismo da saturação.

Tornando hediondos e insuportáveis os hábitos vulgares e indignos dos filhos de Deus, essa Transição convida-nos a hábitos renovados e nobilitantes, pois que os distúrbios e as instabilidades são nuvens borrascosas que o sol da misericórdia desfará, com irresistível poder.

Evangelho à luz do Espiritismo, como capitel da obra espírita na Terra, é nosso compromisso e nossa salvaguarda espiritual.

Nesta oportuna e inspirada comemoração dos 70 anos do livro *Paulo e Estêvão*, identificamos o início de expressivos passos pela compreensão mais dilatada e mais essencial do tesouro evangélico, e Emmanuel, como "porta-voz" dos apóstolos cristãos, entre nós, salienta que a Regeneração, à claridade das lições imortais do Senhor, é, acima de tudo, a nossa união em novas bases, com humildade e serviço, simplicidade e fé, para que a Humanidade receba, novamente, o Cristo de Deus!

Que o Senhor nos ampare e nos fortaleça para os testemunhos de amor e paz!

Honório Onofre de Abreu

(Mensagem psicografada pelo médium Wagner Gomes da Paixão, durante seminário realizado na União Espírita Mineira, em Belo Horizonte, no dia 5 de fevereiro de 2012, abrindo as comemorações dos 70 anos da obra *Paulo e Estêvão*.)

O eficiente **remédio** do **sofrimento**

Apartados da fé, logo sentiremos as pungitivas angústias da aflição

"Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças." – Santo Agostinho[1]

Rogério Coelho

Podemos, sem sombra de dúvida, considerar o Espiritismo uma "caixa de ressonância" do Sermão da Montanha... Portanto, não é sem motivos que Jesus o identificou como o futuro "Consolador", desenhando-lhe o perfil com riquezas de detalhes, a fim de que, quando surgisse no dobrar dos séculos, não pairasse nenhuma dúvida acerca de sua identificação e de sua presença no proscênio terrestre.

Proclamando – altissonante – que "fora da caridade não há salvação", o Espiritismo realça, também, uma outra virtude que é a *fé*, mostrando-nos quão importante ela é para sustentar-nos nas lutas e nas aflições do carreiro evolutivo, aflições a respeito das quais o próprio Cristo alertou que fariam parte do cardápio de nossas necessidades, mormente enquanto nos mantivéssemos em orbes de provas e expiações.

Mas, ao lado do mal e da aflição, sempre existirá o remédio, produzido pela misericórdia de Deus, medicação ideal e eficiente para mitigar e até mesmo erradicar as dores, ainda que sejam das mais excruciantes e inacessíveis à mais avançada Medicina terrestre. Assim, nos quadros de dores e escarcéus, a *fé* vitalizada entra com seu infalível poder saneador. Tanto assim é que em inúmeras ocasiões Jesus a procurava realçar antes e depois das curas que realizava. Portanto, não é raro observarmos essas suas palavras: "tens fé?"; "a tua fé te salvou"; "se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda...".

A *fé* é tão importante para a nossa economia espiritual, em especial no que se refere à saúde espiritual e física, quanto nas consolações que lhe vêm a reboque, uma vez que é a dinamizadora por excelência da esperança com seus corolários abençoados.

Encontrando, quando entre nós, magotes de criaturas de *fé* vacilante, Jesus se maravilhou com a *fé* exuberante do centurião de Cafarnaum, exclamando: "Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé!".[2]

Santo Agostinho nos oferece um esclarecimento extremamente importante, no qual enfatiza o efeito anestésico e/ou supressor das dores que a *fé* pode facultar:

> [...] Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo? Houvésseis de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso, a par da eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Buscai consolações para os vossos males no porvir que Deus vos prepara e procurai-lhe a causa no passado. E vós, que mais sofreis, considerai-vos os afortunados da Terra. Como desencarnados, quando pairáveis no Espaço, escolhestes as

[1] KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 129. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 5, it. 19.

[2] MATEUS, 8:10.

vossas provas, julgando-vos bastante fortes para as suportar. Por que agora murmurar? Vós, que pedistes a riqueza e a glória, queríeis sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfásseis, embora devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de rutilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento. Que remédio, então, prescrever aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um é infalível: *a fé, o apelo ao Céu*. Se, na maior acerbidade dos vossos sofrimentos, entoardes hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocupareis... *A fé é o remédio seguro do sofrimento*; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Não nos perguntei, portanto, qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que *crê é forte pelo remédio da fé* e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as pungitivas angústias da aflição. O Senhor apôs o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a sua égide e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. [...][3] (Grifos nosso.)

Ora, se Jesus reportou-se à *fé* em inúmeras circunstâncias e se Kardec ocupou o capítulo 19 inteiro de *O Evangelho segundo o Espiritismo* para um estudo minucioso sobre esta virtude, é porque não padece dúvida de que ela é extremamente importante para a nossa economia espiritual. Portanto, saibamos dinamizar a nossa *fé,* aquela "que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade".[4]

Para que não fique dúvida sobre a abrangência das fronteiras da *fé* em nossas vidas, atentemos neste pensamento de Emmanuel: "Todas as operações da existência se desenvolvem, de algum modo, sob a energia da fé".[5]

Joanna de Ângelis afirma, através da mediunidade de Divaldo Franco:

> [...] Oração, meditação, em consequência, são os termos-base da equação da fé, na busca do alimento da sobrevivência às conjunturas do trânsito carnal pelos rumos da Imortalidade.[6]

Que Deus nos sustente e não nos falte a *fé*, ainda que sob os camartelos dos sofrimentos e das procelas do mundo, pois o pior mesmo que nos poderia acontecer é ter que continuar nossa caminhada evolutiva aos tropeções sob a escuridão dos tormentos da incredulidade. ■

---

[3]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo.* Trad. Guillon Ribeiro. 129. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 5, it. 19.

[4]Idem, ibidem. Cap. 19, it. 7.

[5]XAVIER, Francisco C. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 6.

[6]FRANCO, Divaldo P. *No limiar do infinito*. Salvador: LEAL, 1978. Cap. 19, § 23º, p. 148.

Goiás: Promoção de Congresso e Simpósio

O Centro de Convenções de Goiânia sediou de 18 a 21 de fevereiro o 28º Congresso Espírita Estadual, promovido pela Federação Espírita do Estado de Goiás, tendo como tema central "Transição Planetária e os Novos Tempos". O evento contou, em ambientes diferentes, com participantes adultos, jovens e crianças. Entre os expositores, que atuaram nos segmentos citados: Alberto Almeida, André Trigueiro, Divaldo Pereira Franco, Irvênia Prada, Haroldo Dutra Dias, Simão Pedro de Lima, Vilson Dispoti e o diretor da FEB, Geraldo Campetti. A FEEGO também promoveu o 1º Simpósio de Comunicação Social Espírita de Goiás, no dia 10 de março, com atuação de Merhy Seba, Fábio Peluzo e do diretor da FEB Antonio Cesar Perri de Carvalho. Informações: <www.feego.org.br>, <www.comunicacaosocialespirita.org.br>.

Europa: Evangelização Infantojuvenil

A Coordenadoria do Conselho Espírita Internacional para a Europa promoveu o 1º Encontro de Trabalhadores na Área de Evangelização Infantojuvenil dos países da Europa, em Stuttgart (Alemanha), nos dias 18 e 19 de fevereiro. A diretora da FEB, Miriam Masotti Dusi, e Janine Mattar Castro, da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, como convidadas, atuaram no desenvolvimento do evento. Informações: <www.spiritismus-dsv.de>.

Paraíba: Pesquisa em saúde e espiritualidade

A Associação Médico-Espírita da Paraíba realizou, no dia 8 de fevereiro, a palestra "Metodologia da pesquisa científica em saúde e espiritualidade" com Mônica Rodrigues de Araújo Souza, no auditório do Hospital Unimed da Paraíba. Informações: <www.amebrasil.org.br>.

Mato Grosso: Sustentabilidade do Movimento Espírita

Foi realizado no dia 17 de março, com o apoio da Federação Espírita do Estado de Mato Grosso, o seminário "Sustentabilidade do Movimento Espírita – Divulgação do modo espírita de viver", com exposição de César Soares dos Reis. O evento ocorreu na sede da Federação. Informações: <www.feemt.org.br>.

Sergipe: Construção do homem de bem

A Federação Espírita do Estado de Sergipe organizou nos dias 25 e 26 de fevereiro a V Jornada Pedagógica da Evangelização Espírita da Infância e Juventude. Lúcia Moisés proferiu a palestra com o tema "Evangelize: coopere na construção do homem de bem". Informações: <www.fees.org.br>.

Rio de Janeiro: Projeto Semear

O Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro realizou o evento "Projeto Semear", no dia 11 de fevereiro, no Espaço Cultural Oscar F. Carneiro. Participaram do evento os palestrantes Marcus de Mario e Ângela Delou com promoção de oficinas e debates. Informações: <www.ceerj.org.br>.

Pará: Reunião Mediúnica Espírita

A União Espírita Paraense realizou, nos dias 28 e 29 de janeiro, o treinamento "A Reunião Mediúnica Espírita – Organização e Funcionamento" que teve como referencial o documento "Organização e Funcionamento da Reunião Mediúnica Espírita". O evento ocorreu na sede da União Espírita. Informações: <www.paraespirita.com.br>.

FEB: Cursos em Brasília e no Rio de Janeiro

Em março foram reiniciados os Cursos na Sede da FEB, em Brasília, e na Sede Seccional, no Rio de Janeiro. Além dos cursos de Evangelização da Infância e Juventude, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Estudo e Educação da Mediunidade, Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, neste ano estão sendo implantados cursos sobre as Obras Básicas: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Informações: <diretoria@febnet.org.br>.

A MAIS COMPLETA DESCRIÇÃO DO QUE É

A Vida no Mundo Espiritual

Central de Relacionamento
(21) 2187-8268/8272
relacionamento@febrasil.org.br

feb
editora

Livraria Virtual
www.feblivraria.com.br
feblivraria@febnet.org.br

Livros que esclarecem, educam e libertam

7º Congresso Espírita Mundial

"A Educação e a Caridade na Construção de um Mundo de Paz"

CUBA

150 Anos do Evangelho Segundo o Espiritismo. **La Havana - Cuba**

22 a 24 de Março de 2013

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO: Conselho Espírita Internacional (CEI)

REALIZAÇÃO: Sociedad Amor y Caridad Universal, Sociedad Espírita José de Luz, Sociedad Espírita Más Luz, Sociedad Espírita Leon Dennis, Sociedad Espírita en Pos de la Verdad

INFORMAÇÕES:

Secretaria General CEI
SGAN 909 - Modulo G - CEP 70690-090
Brasilia - Brasil
Contatos: +55 (61) 3038-8415; 3038-8417

Comissão Organizadora
Tel: (537) 209-6833
(523) 42-1652
(305) 332-4086

Website: www.7cem.org
E-mail: 7cem2013@7cem.org

7º CEM
Cuba Espírita